



Carolina Silva Santos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO  
NO CENTRO EDUCATIVO DOS OLIVAIS JUNTO DA TURMA B2 —  
OPERADOR DE JARDINAGEM NO ANO LETIVO DE 2017/2018**

A Visão sobre a Escola e a Educação Física de Jovens em Processo Tutelar Educativo

Junho de 2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FCDEF FACULDADE DE CIÊNCIAS DO  
DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**CAROLINA SILVA SANTOS**

**Nº 2013141964**

**Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido no  
Centro Educativo dos Olivais junto da turma B2 – Operador  
de Jardinagem no ano letivo de 2017/2018**

*A Visão sobre a Escola e a Educação Física de Jovens em Processo  
Tutelar Educativo*

Relatório de Estágio  
apresentado à Faculdade de Ciências  
do Desporto e Educação Física da  
Universidade de Coimbra com vista à  
obtenção do grau de Mestre em Ensino  
de Educação Física nos Ensinos Básico  
e Secundário.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora  
Elsa Maria Ferro Ribeiro Silva

**COIMBRA  
2018**



Esta obra deve ser citada como:

Santos, C. (2018). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido no Centro Educativo dos Olivais junto da turma B2 – Operador de Jardinagem no ano letivo de 2017/2018*. Relatório Final de Estágio do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Carolina Silva Santos, aluna nº 2013141964 do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio Pedagógico constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo nº 28, da secção V, do Regulamento Pedagógico da UC de 23 de agosto de 2013.

Coimbra, 14 de junho de 2018

---

(Carolina Silva Santos)

## AGRADECIMENTOS

Num momento em que termina um ciclo tão importante, resta-me agradecer aqueles que fizeram parte deste meu percurso e, de alguma forma, contribuíram para o meu sucesso.

Aos meus pais, por tudo! Agradeço todos os valores transmitidos e o facto de sempre me terem proporcionado o melhor. À minha família, o maior obrigada.

Aos meus amigos, os de sempre, meus companheiros de viagem, celebraram comigo cada conquista. Pela paciência, Obrigada.

Ao meu maior companheiro, o Gabriel, pela união e cumplicidade, por todo o trabalho em parceria, que tornou tudo muito mais fácil. Obrigada.

Aos meus amigos da faculdade, por todas as partilhas, todos os trabalhos de grupo, toda a aprendizagem, todas as etapas celebradas em conjunto. A PL, pela união, sempre. Obrigada.

Ao Professor Orientador, Mestre Nuno Barroso, por todos os ensinamentos, por me ensinar a lidar com esta nova e diferente experiência. Agradeço-lhe toda a ajuda e o facto de ter sido uma peça fundamental nesta etapa do meu percurso académico, pelas reflexões que me tornaram melhor professora a cada aula dada, pela paciência em cada retrocesso e pela força dada para avançar sem medos. Obrigada.

À Doutora Elsa Ribeiro da Silva, pela disponibilidade, pelo desafio de fazer algo diferente, por me ter proporcionado a maior e melhor experiência que vivi e por me ter dado confiança a encará-la de frente e de braços abertos: “*Não se pode julgar um livro pela Capa*”. O meu obrigada.

À FCDEF-UC por me ter acolhido tão bem e me ter ensinado tanto, com tão pouco. A todos os Docentes e não Docentes, pela disponibilidade demonstrada ao longo da licenciatura e do Mestrado. Obrigada.

Ao Centro Educativo dos Olivais, receberam-nos de braços abertos, sempre disponíveis para ajudar e colaborar no sucesso do Estágio Pedagógico. Obrigada.

À minha turma e a todos que por ela passaram. A estes rapazes que me fizeram ver a vida de outra forma, todos merecemos uma segunda oportunidade. Por me terem ensinado tanto, por me terem feito crescer, Obrigada.

**Muito Obrigada a Todos!**

**“Eduquem as crianças e não será necessário castigar os homens”**

***Pitágoras***



## RESUMO

O Estágio Pedagógico é uma ferramenta fulcral e decisiva na conclusão do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. O mesmo foi desenvolvido junto da turma B2 – Operador de Jardinagem do Centro Educativo dos Olivais, em Coimbra. No Estágio Pedagógico, os estagiários aplicam os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e o primeiro ano de Mestrado, numa situação pedagógica real através do acompanhamento de uma turma ao longo do ano letivo.

Este relatório pretende relatar essa prática pedagógica realizada, através da descrição da mesma e da reflexão crítica e detalhada de todas as decisões tomadas ao longo do Estágio. O objetivo primordial deste relatório é formar professores capazes de refletir acerca da sua pedagogia e auto superarem-se encontrando formas cada vez mais eficazes de transmitir a sua mensagem, o conhecimento.

Desta forma, o presente relatório apresenta conteúdos relacionados com a contextualização da prática desenvolvida em que são apresentados os diferentes contextos de ensino e as expectativas iniciais; a análise reflexiva da prática pedagógica em que o estagiário reflete acerca de todas as suas decisões seja em relação ao planeamento, realização, avaliação, como, em relação a atitudes ético-profissionais e questões dilemáticas vividas ao longo do percurso.

É também realizada a apresentação de um pequeno estudo realizado junto da turma acompanhada. Nesta investigação foi avaliada a visão sobre a Educação Física de jovens em processo tutelar educativo e se existe evolução comparando essa visão antes e depois de serem internados.

**Palavras-Chave:** Estágio Pedagógico; Educação Física; Reflexão; Processo Tutelar Educativo

## **ABSTRACT**

*The Teacher Training is a crucial and decisive tool in the conclusion of Master' Degree in Teaching Physical Education in Elementary and Secondary Education by the Faculty of Sports Science and Physical Education of University of Coimbra. This internship was developed with the class of B2 – Gardening Operator of Educational Centre of Olivais, Coimbra.*

*The trainees must apply all the knowledge acquired at the Bachelor Degree and the first year of this Master Degree in a pedagogical practice with a class through the school year.*

*This document intends to relate that pedagogical practice through a description of all the decisions made and through a reflection about them. The main objective of this report is to form teachers who can reflect about their pedagogy and their practice and to find new ways and different ways to succeed and be effective.*

*So, this report presents contents about contextualization of developed practice with different contexts like School, Class and the initial expectations of the trainee for this internship; the reflexive analyzation of the pedagogic practice where the trainee must reflect about all the decisions about planning, classes, evaluation and ethic and professional issues and dilemmatic questions lived through the year.*

*It is also presented an investigational study realized during the year with this class. This investigation is about the vision this students in Educational tutelary process have about Physical Education and if there was an evolution compared their opinion before and after being in this Educational Centre.*

**Keywords:** *Teacher Training; Physical Education; Reflection; Educational Tutelary Process*

## ÍNDICE

### Conteúdo

AGRADECIMENTOS .....	VI
RESUMO.....	IX
ABSTRACT .....	X
ÍNDICE .....	XI
Índice de Figuras .....	XIII
Índice de Tabelas .....	XIII
Índice de Anexos .....	XIII
Lista de Abreviaturas e Siglas .....	XIV
CAPÍTULO I – Introdução.....	16
CAPÍTULO II - Contextualização da Prática Desenvolvida .....	18
1. Expectativas iniciais.....	18
2. Caracterização do Contexto .....	19
2.1. A Escola .....	19
2.2. O Grupo Disciplinar .....	20
2.3. O Núcleo de Estágio.....	21
2.4. A Turma, B2 – Operador de Jardinagem.....	22
CAPÍTULO III - Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica.....	23
1. Atividades de Ensino-Aprendizagem .....	23
1.1. Planeamento .....	23
1.1.1. Plano Anual .....	24
1.1.2. Unidades Didáticas.....	26
1.1.3. Planos de Aula.....	28
1.2. Realização.....	29
1.2.1. Instrução .....	30
1.2.2. Gestão .....	33

1.2.3. Clima/Disciplina .....	35
1.2.4. Decisões de Ajustamento .....	37
1.3. Avaliação .....	38
1.3.1. Avaliação Diagnóstica.....	38
1.3.2. Avaliação Formativa .....	40
1.3.3. Avaliação Sumativa .....	41
1.3.4. Autoavaliação .....	42
1.4. Parâmetros e Critérios de Avaliação .....	43
1.5. Atitude Ético-Profissional .....	45
1.6. Justificação das Opções tomadas .....	47
1.7. Questões Dilemáticas.....	50
2. Atividades de Organização e Gestão Escolar .....	52
3. Projetos e Parcerias Educativas .....	53
3.1. Magusto no CEO .....	53
3.2. Jogos Paralímpicos do CEO.....	54
CAPÍTULO IV - Aprofundamento do Tema-Problema .....	56
1. Introdução .....	56
2. Enquadramento Teórico.....	56
3. Objetivos .....	58
3.1. Objetivo Geral.....	58
3.2. Objetivos Específicos .....	58
4. Método .....	59
4.1. Amostra .....	59
4.2. Tipo de Estudo.....	59
4.3. Instrumentos .....	60
4.4. Procedimentos.....	60
5. Resultados .....	61

6. Discussão .....	70
7. Conclusões .....	71
CAPÍTULO V - Conclusão .....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	76
Obras Citadas.....	76
Sites Visitados .....	78
Despachos Normativos.....	78
Outros Documentos.....	78
ANEXOS .....	80

### **Índice de Figuras**

Figura 1 – Tarefas do Professor para um Planeamento Eficaz (Bento, 2003, p. 174) .....	23
Figura 2 – Perceção de Tempo Útil (Piéron M. , 1999, p. 107) .....	34

### **Índice de Tabelas**

Tabela 1 – Unidades didáticas abordadas por período, retirado do Plano Anual.	25
Tabela 2 – Parâmetros e Critérios de Avaliação de Educação Física.....	44
Tabela 3 – Análise de Conteúdo da entrevista Focus Group .....	67

### **Índice de Anexos**

ANEXO 1 – Questionário aplicado aos alunos no início do ano letivo .....	81
ANEXO 2 – Modelo de Plano de Aula.....	82
ANEXO 3 – Grelha de Avaliação Diagnóstica .....	83
ANEXO 4 – Grelha de Avaliação Formativa.....	83
ANEXO 5 – Grelha de Registo de Avaliação Sumativa.....	84
ANEXO 6 – Grelha de Avaliação de Final de Período .....	84
ANEXO 7 – Guião de Entrevista do estudo Focus Group .....	85
ANEXO 8 – Grelha de Observação de Aulas.....	86
ANEXO 9 – Certificado de Participação na Ação de Formação “Programa FITescola” .....	88

ANEXO 10 – Certificado de Participação nas “IV Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas”.....	89
ANEXO 11 – Certificado de Participação na “VII Oficina de Ideias em Educação Física ”.....	90
ANEXO 12 – Certificado de Apresentação na “VII Oficina de Ideias em Educação Física”.....	91
ANEXO 13 – Certificado de Formação de Juízes de Linha de Badminton.....	92
ANEXO 14 – Certificado de Participação no Encontro de Reflexão “Jovens Professores, Que Futuro?” .....	93

### **Lista de Abreviaturas e Siglas**

CE: Centro(s) Educativo(s)

CEO: Centro Educativo dos Olivais

CPJ: Centro Protocolar de Justiça

EF: Educação Física

FB: *Feedback* Pedagógico

FCDEFUC: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

GDEF: Grupo Disciplinar de Educação Física

JDC: Jogos Desportivos Coletivos

MEEFEB: Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

NEAFA: Núcleo de Estudantes de Atividade Física Adaptada da FCDEF-UC

NEEF: Núcleo de Estágio de Educação Física

PNEF: Programa Nacional de Educação Física

UD: Unidade(s) Didática(s)

URF: Unidade de Regime Fechado

URSA: Unidade de Regime Semiaberto



## **CAPÍTULO I – Introdução**

O Relatório de Estágio está inserido numa Unidade Curricular com a mesma designação e realiza-se no último semestre do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), tratando-se de um documento paralelo ao Estágio Pedagógico desenvolvido ao longo do ano letivo com o objetivo de refletir acerca das práticas pedagógicas adotadas.

Este documento visa a análise e reflexão crítica fundamentada acerca de todo o trabalho desenvolvido na escola, neste caso com a turma B2 – Operador de Jardinagem do Centro Educativo dos Olivais (CEO), em parceria com o professor cooperante, e a professora orientadora da faculdade. Considera-se que este é um elemento fulcral do Estágio Pedagógico dada a importância que tem a reflexão pedagógica na prática de um professor, visto que em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem devem ser anotados os aspetos positivos e negativos passivos de ser melhorados, bem como, devem ser criadas estratégias para fazer sempre mais e melhor com o objetivo de alcançar o sucesso na aprendizagem dos alunos e que estes adquiram o melhor conhecimento possível.

Posto isto, é nesta fase do Estágio Pedagógico que o estagiário deve refletir sobre todo o seu percurso e deve ser capaz de confrontar o trabalho realizado com os objetivos propostos, traçando uma análise muito criteriosa, percebendo se os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo foram aplicados e corretamente aplicados no contexto real.

Este relatório divide-se em três partes fundamentais: uma primeira em que é realizada uma contextualização da prática, ou seja, onde é dado a conhecer todo o enquadramento em que este estágio está inserido; uma segunda parte em que é realizada uma análise reflexiva acerca de todo o processo ensino-aprendizagem, desde o planeamento, à realização, avaliação e a aspetos mais pessoais, tais como a atitude ético-profissional, as opções tomadas e questões dilemáticas vividas ao longo do percurso; uma terceira e última parte que diz respeito ao aprofundamento do tema-problema que consiste num pequeno estudo realizado no âmbito escolar em que estamos inseridos, neste caso, perceber que influência têm a Educação Física (EF) e a Escola na vida destes jovens.





## **CAPÍTULO II - Contextualização da Prática Desenvolvida**

### **1. Expectativas iniciais**

Enquanto professor, seja de que disciplina for, pretende-se que este siga valores morais e éticos quanto à sua posição relativa à avaliação e trabalho em equipa, bem como, saber estar numa escola e em situação de Ensino; ainda, pretende-se que um professor seja capaz de estar em constante aprendizagem e evolução, que seja dinâmico, tanto nas aulas, como nas atividades que desenvolve e que, acima de tudo, coloque os seus valores cívicos acima de qualquer momento, promovendo sempre as atitudes e decisões mais corretas.

Durante este ano letivo esperávamos desenvolver competências ao nível da comunicação e preleção, desenvolvimento de estratégias de ensino e aprendizagem. Consideramos que o ponto fundamental do Estágio Pedagógico é a aplicação dos conhecimentos adquiridos na licenciatura e no 1º ano de Mestrado para melhorar e desenvolver o Ensino, e para fomentar o gosto pelo desporto e atividade física por parte dos nossos alunos.

Assim, contávamos que durante este ano letivo conseguíssemos motivar os nossos alunos para a EF, conseguíssemos melhorar a sua aptidão física, incitar a aquisição de conhecimentos ao nível das diferentes modalidades, bem como, desenvolver o espírito de equipa e entreajuda, respeito pelos outros, pelo material e pelo jogo, *fair-play*, entre outras competências ao nível interpessoal e do Domínio do Saber Ser, para tornar os alunos melhores cidadãos e pessoas capazes de viver em sociedade.

Quanto ao CEO, esperávamos sermos capazes de dominar a turma e, tendo em conta que se trata de uma escola diferente, com um panorama de Ensino diferente, sermos capazes de nos adaptar e adaptar o método de ensino a esses alunos, focando-nos sempre no aspeto pessoal e interpessoal visto que os mesmos estavam no Centro para corrigir erros e se tornarem pessoas melhores.

Concluindo, esperávamos ser capazes de cumprir os requisitos pedagógicos para sermos bons professores, sabendo sempre que não iria ser um processo fácil, estando disponíveis para colaborar com os colegas, trabalhando em conjunto como Núcleo de Estágio, com os orientadores e, até mesmo, outros Núcleos de Estágio.

## **2. Caracterização do Contexto**

É importante que um professor, ao iniciar o ano letivo, conheça o contexto em que está inserido para que seja possível adaptar o seu ensino e o Programa Nacional de Educação Física (PNEF) às necessidades específicas de cada turma e aluno. Desta forma, torna-se prioritário iniciar o ano letivo por caracterizar este mesmo contexto.

### **2.1. A Escola**

O Centro Educativo dos Olivais é um dos oito centros educativos a funcionar em Portugal. Criado em maio de 1911, como “Tutoria Central da Infância de Coimbra e do Refúgio Anexo”, passou a designar-se “Centro Educativo dos Olivais”, em 2001 com a entrada em vigor da Lei Tutelar Educativa (DL 166/99).

Este Centro Educativo (CE) é da tutela do Ministério da Justiça, que trabalha em parceria com o Ministério da Educação para garantir o apoio escolar aos jovens em processo tutelar educativo, através do Centro Protocolar de Justiça (CPJ). O CEO tem duas unidades de internamento, a Unidade de Regime Fechado (URF) e a Unidade de Regime Semiaberto (URSA). Na primeira os jovens não têm permissão para sair do edifício e realizam todo o seu percurso praticamente no mesmo piso. Na segunda, os jovens podem sair do edifício e o andar onde têm os seus quartos e realizam as suas refeições não é o mesmo da área escolar. Os jovens podem ainda sair do edifício e ter intervalos e Formação Tecnológica no exterior, ainda que sempre dentro das instalações do CEO. A partir da segunda fase, estes jovens podem ainda ter saídas lúdicas e a partir da terceira fase passar alguns fins de semana e parte das férias em casa.

No CEO, os jovens encontram-se divididos em quatro turmas associadas a quatro cursos profissionais.

Desta forma, enquanto se encontram em processo tutelar educativo, os jovens têm a oportunidade de realizar os ciclos de Ensino que não realizaram no decorrer dos anos, que a escolaridade obrigatória previa. Existem três cursos B3, correspondentes ao 3º Ciclo do Ensino Básico, e um curso B2, correspondente ao 2º Ciclo do Ensino Básico; existe ainda uma turma de Ensino Secundário que, articulada com escolas em Coimbra, permite aos jovens realizar este ciclo de

Ensino, sendo que na Formação Tecnológica estão inseridos nas turmas dos outros cursos existentes.

Neste centro existem dois pavilhões gimnodesportivos, um que se encontra na URF, que é de menores dimensões e outro que se encontra no exterior do edifício que, ainda que com maiores dimensões que o da URF, não tem as dimensões normais de um pavilhão escolar. Existe, ainda, um campo exterior que já apresenta dimensões favoráveis e que é maior do que qualquer um dos pavilhões. O material disponível para a prática das diferentes modalidades é suficiente e apresenta-se, geralmente, em bom estado.

Em relação aos jovens que frequentam o CEO, estes provêm de diferentes zonas do país com experiências de vida diferentes, levando a que haja uma multiculturalidade no centro educativo.

O grande objetivo do CEO é reintegrar os jovens na sociedade e reeducá-los de acordo com valores éticos e morais, assegurando a execução de medidas tutelares educativas.

## **2.2. O Grupo Disciplinar**

O Grupo Disciplinar de Educação Física (GDEF) no CEO conta com dois professores e duas estagiárias de EF, sendo que um dos professores apresenta horário completo, e a outra professora apresenta horário conjunto com a Escola Básica 2,3 Martim de Freitas, sede do Agrupamento.

Tendo em conta que este GDEF é um grupo pequeno, existiu uma boa comunicação entre os mesmos, fomos acolhidas de forma bastante natural e positiva, o ambiente do grupo foi bastante positivo e bom. Estes professores mostraram-se sempre disponíveis para ajudar e para discutir assuntos relacionados com a Didática da Educação Física, mostrando o seu melhor apoio para com as professoras estagiárias e empenho para que estas melhorassem o seu desempenho profissional.

Realçamos o facto de o nosso professor orientador, ter estado sempre presente nas diversas etapas do Estágio Pedagógico e de se ter mostrado sempre disponível em ajudar e corrigir-nos nas aulas, procurar ultrapassar as dificuldades sentidas seja ao nível do planeamento da aula, como ao nível da gestão e da

disciplina imposta na mesma, auxiliar-nos nos eventos organizados, bem como na concretização do Tema-Problema, sendo o mesmo uma peça fundamental para o desenvolvimento deste trabalho de investigação.

### **2.3. O Núcleo de Estágio**

O Núcleo de Estágio de Educação Física (NEEF) do CEO, no ano letivo 2017/2018 foi constituído por duas alunas do MEEFEBS.

Nunca tínhamos trabalhado juntas pois a nossa licenciatura foi realizada em universidades diferentes e, portanto, só nos conhecemos no âmbito do Mestrado e, nunca realizámos trabalhos em conjunto. Assim, foi necessário conhecer as especificidades de cada uma, aprender a trabalhar uma com a outra e perceber os objetivos de cada uma, para levar ao sucesso no Estágio Pedagógico.

Tratando-se de um núcleo de estágio pequeno, tornou-se mais fácil agilizar o trabalho a realizar e a cooperação entre as duas estagiárias foi mais evidente. Por outro lado, sendo um núcleo com estas características, algumas tarefas que em núcleos eram divididas, neste caso tiveram de ser condensadas e agregadas para a realização por apenas duas pessoas.

No decorrer do ano letivo e no final de todas as aulas das estagiárias, as mesmas reuniam em conjunto com o professor orientador e debatiam os aspetos positivos e negativos da aula e apontavam propostas de melhoria.

Este NEEF trabalhou também em conjunto para a investigação do Tema-Problema e, agregamos resultados para participação e apresentação no VII Fórum Internacional das Ciências da Educação Física. Este trabalho foi feito em conjunto pelas duas estagiárias com o auxílio do professor orientador do CEO e da professora orientadora da FCDEFUC. Este núcleo participou, ainda, na VII Oficina de Ideias da Escola Secundária de Avelar Brotero, onde procuramos apresentar um trabalho reflexivo da ação docente, partilhando algumas das nossas dificuldades como professoras estagiárias no CEO, nomeadamente, a criação de exercícios para melhor transmitir os conhecimentos aos alunos, os quais passaram sempre por situações de jogo.

#### **2.4. A Turma, B2 – Operador de Jardinagem**

A turma referida no presente relatório diz respeito à do Curso de 2º Ciclo, B2 – Operador de Jardinagem. Esta turma iniciou o ano letivo com sete alunos e terminou com seis alunos, sendo que, ao longo do ano, existiram oscilações no número de alunos, com a entrada e saída de jovens da turma, alcançando o número máximo de nove alunos e o número mínimo de cinco. As idades dos jovens da turma comportaram-se entre os 13 e os 18 anos o que corresponde, no ensino regular e dentro da escolaridade obrigatória, a idades correspondentes ao 3º Ciclo do Ensino Básico e ao Ensino Secundário.

No início do ano foi aplicado um pequeno questionário (Anexo 1) que pretendia perceber que matérias os alunos gostavam mais ou menos, que tipo de contacto tinham os alunos com o desporto antes de integrarem o CEO e quais as expectativas para as aulas de Educação Física do ano letivo a iniciar. Com este questionário constatámos que as opiniões da turma em relação às modalidades que não gostavam divergiam um pouco e, em relação às que gostavam, destacou-se o Futebol e o Futsal, com apenas um aluno a destacar outra modalidade para além destas. Quanto ao contacto com o desporto e a atividade física a maior parte apontou o Futebol como modalidade praticada e apenas um dos alunos não praticava desporto nos seus tempos livres. Em relação a expectativas para as aulas de Educação Física, os alunos deram respostas como “melhorar o corpo e resistência”, “jogar à bola”, “que sejam divertidas” e “uma boa nota”. Realçando-se o gosto pelo Futebol que estes jovens têm. No que diz respeito a ideias e sugestões que os alunos pudessem dar para melhorar as aulas, jogar Futebol foi o apontado como favorito.

## CAPÍTULO III - Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica

“Ensino não é simplesmente a transmissão e apropriação simples da matéria programática; é determinante para o desenvolvimento da personalidade dos alunos, dado que contém em si as bases para o seu comportamento moral, forja o seu pensamento, influencia enormemente a sua vontade, os seus sentimentos e atuação, e sua disponibilidade para o empenhamento nas tarefas do dia-a-dia” (Bento, 2003, p. 39)

### 1. Atividades de Ensino-Aprendizagem

O professor é o “responsável pelo que ocorre na aula e, em princípio, é quem deve tomar as decisões. Uma das suas funções é eleger, identificar e definir as matérias que os alunos devem realizar” (Piéron M. , 1999, p. 106).

Com efeito, é necessário realizar um planeamento ao longo do ano letivo, seja ao nível macro, o Plano Anual, ao nível meso, a Unidade Didática (UD) ou a nível micro, o Plano de Aula.

#### 1.1. Planeamento

O planeamento implica a organização e definição de um programa ao longo de um determinado período de tempo. Clark (1983) afirma que o planeamento é um processo mental em que o professor idealiza o futuro, realiza uma recolha dos fins e meios que tem e constrói um guia para a sua ação futura.

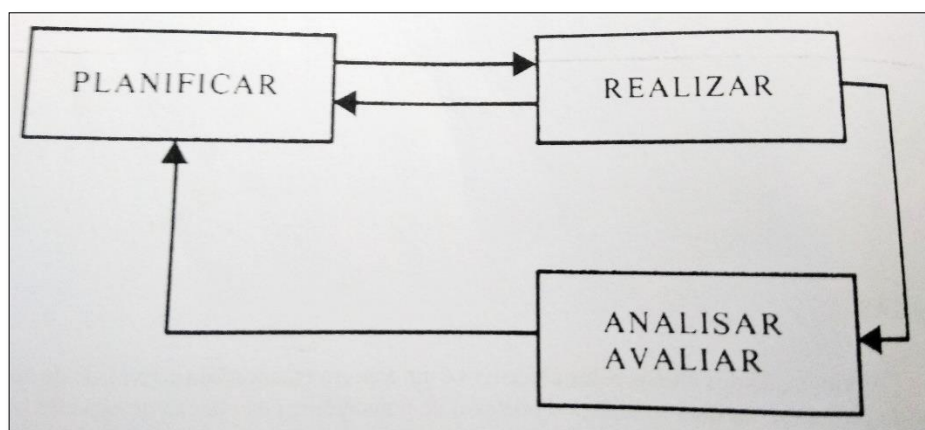


Figura 1 – Tarefas do Professor para um Planeamento Eficaz (Bento, 2003, p. 174)

Na figura 1 é apresentado um esquema que retrata o planeamento. É necessário planejar para poder realizar, sendo que é necessário avaliar, analisar e refletir esse planeamento e essa realização de forma a que se possa iniciar um novo ciclo, seja ele uma nova UD ou, simplesmente, reformular e adaptar o planeamento criado. Com isto pretendemos realçar a vertente adaptável do planeamento na medida em que ele não é estanque, apenas é um guia para que o professor possa ter uma linha de orientação para o seu percurso enquanto agente de ensino. De tal forma que, se for necessário adaptar ou reajustar o planeamento, seja ele planeamento anual ou plano de aula, às necessidades dos alunos ou imprevistos, tais como, alteração nos recursos disponíveis ou, até, o tempo atmosférico, podemos e devemos fazê-lo.

O planeamento segue, então, três linhas de orientação. O planeamento a longo prazo, Plano Anual, o planeamento a médio prazo, Unidades Didáticas, e o planeamento a curto prazo, Planos de Aula.

### **1.1.1. Plano Anual**

O Plano anual é a primeira tarefa a desenvolver ao iniciar o estágio pedagógico e, mesmo, a função docente, aquando do início do ano letivo, Bento (2003:67) reforça esta ideia referindo que “a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo”.

É neste documento que o professor contextualiza a sua prática, define as matérias a bordar de acordo com o PNEF, define estratégias e estilos de ensino, bem como, o modelo de ensino que pretende adotar com a sua turma. Aqui o professor define, também, a avaliação, ou seja, critérios e parâmetros de avaliação para cada unidade didática.

Podemos então afirmar que o plano anual é o documento-guia para todo o desenrolar do ano letivo.

Para a realização do Plano Anual, o núcleo de estágio reuniu e aferiu o contexto da escola e da turma, realizou o inventário do material disponível para



perceber que modalidades são possíveis de abordar, bem como, conheceu os espaços escolares aptos para a prática desportiva.

O núcleo, depois de analisar o PNEF e um programa adaptado às necessidades dos jovens inseridos no CEO, decidiu que modalidades abordar durante o ano letivo. Para esta decisão foi necessário criar o calendário escolar, em que foram identificados todos os feriados e pausas letivas, para compreender quantos tempos letivos estavam disponíveis e, de que forma pôde ser feita a divisão do número de aulas pelas diferentes matérias. Também foi tido em atenção o clima nacional e, visto que tivemos a possibilidade de utilizar o Campo Exterior, foi tida em conta esta possibilidade de acordo com o tempo atmosférico estimado para cada período letivo, para que fosse possível abordar modalidades de pavilhão aquando do tempo mais frio e chuvoso, e modalidades que não necessitam de ser dadas em pavilhão para um período de clima mais favorável. Tendo em conta que nesta escola não existe rotação de espaços e que existem dois espaços disponíveis, a liberdade para abordagem das matérias foi maior.

Outra particularidade desta escola prende-se com o facto de não ser aconselhável abordar mais do que dez aulas por cada modalidade. Estes jovens apresentavam um diminuto contacto com a Educação Física antes de integrarem o CEO e, portanto, aborreciam-se mais facilmente. Com isto, para sermos eficientes na transmissão de conhecimentos não pudemos estender muito a lecionação de uma modalidade para sermos capazes de captar a atenção, concentração e empenho dos alunos, visto que, de outra forma, os alunos podiam adquirir comportamentos de desvio e prejudicar a aula ou, até, boicotá-la.

Além disso, o período escolar no CEO iniciou em setembro, igual ao ensino regular, mas apenas termina a 15 de julho.

Com efeito, as modalidades abordadas por período estão descritas na tabela seguinte:

<b>1º Período</b>	<b>2º Período</b>	<b>3º Período</b>
Basquetebol Atletismo Ginástica de Solo e Ginástica Acrobática	TagRugby Ginástica de Solo e de Aparelhos Voleibol	Badminton Andebol Futsal Basquetebol

*Tabela 1 – Unidades didáticas abordadas por período, retirado do Plano Anual*

O plano anual é um documento que está em constante atualização e, neste caso, não foi exceção visto que em relação ao 3º período estava previsto abordar Basquetebol, mas, visto que a turma tinha um elemento presente desde o início do ano, e que o mesmo não gostava de Basquetebol, decidimos alterar a matéria de ensino, com receio que o aluno se recusasse a fazer aula ou não se empenhasse como era devido ou, até, iniciasse algum tipo de comportamento de desvio ou boicote da aula para com os restantes colegas. Ainda assim, visto que o aluno saiu no final do mês de maio e as aulas do CEO só terminam a 15 de julho, voltámos a inserir a modalidade, até porque a turma que finalizou o ano, nesse momento, deixou de ter elementos que pertencessem à turma inicial e, portanto, a matéria voltou a ser abordada de raiz.

Com efeito, o plano anual recebeu algumas alterações durante o ano por forma a potenciar a prática dos alunos e a sua aquisição de conhecimentos.

Este documento pretende, ainda, conter datas e marcações de eventos e visitas de estudo, em que os alunos participem. O Núcleo de Estágio marcou imediatamente o primeiro evento (incluído na Área 3 do Estágio Pedagógico). Para o segundo evento do mesmo tipo não foi marcada a data exata, mas o período em que iria ser feito, visto que no CEO existem atividades que não constam do Plano de Atividades inicial e, portanto, corríamos o risco de marcar a nossa atividade num dia de atividade da escola e não ser possível realizá-la. O Corta-Mato escolar foi, também, marcado, embora nessa altura nenhum dos jovens da turma estivesse autorizado a participar do mesmo, bem como, outras atividades no exterior do CEO.

### **1.1.2. Unidades Didáticas**

As Unidades Didáticas (UD) são documentos essenciais para a abordagem das diferentes matérias de ensino.

Nestes documentos são colocadas todas as informações respetivas a cada modalidade, tais como:

- História e Evolução da modalidade, em que é realizada uma contextualização e em que é explicitada a história da modalidade a abordar para que seja possível passar essa informação aos alunos;

- Objetivos Gerais e Específicos contidos no PNEF, de acordo com o nível dos alunos e o ciclo de ensino da turma;
- Caracterização da Turma, pois neste enquadramento escolar a turma está constantemente em modificação e é necessário contextualizá-la para melhor adequar o processo ensino-aprendizagem;
- Habilidades Motoras, Regras e Regulamentos em que são explicitadas as componentes técnicas de gestos técnicos e táticos e são apresentadas as regras por onde se regem as modalidades, para uma abordagem correta e completa da modalidade, predefinindo já os critérios de êxito, já conscientes de erros mais frequentes;
- Recursos, sejam eles espaciais, temporais ou materiais para poder aferir quais as condições disponíveis para a lecionação da UD;
- Estratégias e Estilos de Ensino, bem como, o Modelo de Ensino a utilizar nesta UD que permita alcançar maior sucesso e todos os objetivos predefinidos para os alunos;
- Extensão e Sequência de Conteúdos para que seja possível distribuir pelos recursos temporais disponíveis as habilidades motoras a abordar por forma a planificar a UD;
- Sumários, ou seja, uma estimativa dos sumários que as aulas irão adquirir, consoante a extensão e sequência de conteúdos, ainda que estes sejam passíveis de ser alterados;
- Avaliação e seus critérios, relativamente à Avaliação Diagnóstica, Avaliação Formativa e Avaliação Sumativa adequada às capacidades dos alunos para cada modalidade;
- Balanço final de UD, para reflexão pedagógica acerca do decorrer da mesma, perceber se os objetivos iniciais foram cumpridos, quais os erros e quais os aspetos positivos e que situações se alterariam na UD seguinte.

Esta estrutura organizativa teve por base o Guia de Estágio 2017/2018, com algumas alterações realizadas pelo núcleo de estágio e vai de encontro ao que refere (Bento, 2003, p. 78) “um planeamento adequado de unidades temáticas tem que ser algo mais do que a distribuição da matéria pelas diversas aulas, tem que ser a base para uma elevada qualidade e eficácia do processo real de ensino”.

Como já foi referido, estes documentos podem ser alterados ao longo da leção da UD, de acordo com necessidades de adaptação para com os alunos, ou para com imprevistos relacionados com recursos temporais ou espaciais.

É necessário que a UD seja construída antes da leção da matéria correspondente como forma de conceder às professoras estagiárias um melhor conhecimento acerca da modalidade, podendo focar-se em aspetos que considerem pertinentes para o nível de ensino e que constem do PNEF, podendo até, intervir pedagogicamente com maior qualidade.

É, também, importante que os objetivos da UD e as estratégias só sejam definidos depois da avaliação diagnóstica e de uma reflexão detalhada, analisando essa mesma avaliação, o contexto turma e recursos temporais para que seja possível estabelecer uma extensão e sequência de conteúdos de acordo com as necessidades dos alunos, em que a introdução dos conhecimentos é feita de forma gradual e respeitando a velocidade de evolução dos nossos alunos. Desta forma, as estratégias e estilos de ensino devem, também, ser adequados à evolução dos alunos e podem variar de UD para UD, consoante o objetivo da mesma e a forma como a turma recebe a modalidade inerente.

Concluindo, a UD deve considerar todos os aspetos que permitam atingir a melhor qualidade de ensino para os alunos, mas nunca, sendo específica ao ponto do planeamento a curto prazo. Deve então, ser a base para os planos de aula, tal como o Plano Anual é a base para as Unidades Didáticas.

### **1.1.3. Planos de Aula**

“Antes de entrar na aula o professor tem já um projeto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais” (Bento, 2003, p. 102), isto é, os planos de aula são parte do planeamento a curto prazo e são realizados antes de cada aula, ajustados às necessidades dos alunos e com suporte na planificação realizada no Plano Anual, bem como na Unidade Didática e, dentro desta última, concretizados na extensão e sequência de conteúdos, servindo os mesmos como guia para a realização destes documentos.

O modelo de Plano de Aula (Anexo 2) foi-nos fornecido no 1º ano de Mestrado e decidimos, enquanto Núcleo de Estágio, manter o mesmo modelo por

considerarmos adequado, satisfazendo os conteúdos que um plano de aula deve ter.

Este modelo de plano de aula está dividido em três partes: a Parte Inicial, a Parte Fundamental e a Parte Final.

Em relação à Parte Inicial, foi aqui que introduzimos os exercícios de aquecimento, para além da contextualização da aula e o estabelecimento de uma sequência entre a aula a iniciar e a aula anterior. Também a definição de objetivos e breve explicação do que foi realizado na própria aula fizeram parte deste início de aula.

Na Parte Fundamental, foram abordados os objetivos da aula e todos os exercícios específicos da UD lecionada. No plano de aula constava uma descrição detalhada dos mesmos e da sua organização, as componentes críticas dos gestos técnicos e táticos abordados na aula, bem como, os critérios de êxito, sejam eles respeitantes à execução do exercício proposto, ou ao gesto abordado. Para além disto, o objetivo específico de cada exercício foi também definido, consoante o objetivo geral da aula, e o tempo de cada estação, já incluindo preleção e organização. Na verdade, concretizamos a função didática e os objetivos definidos.

A Parte Final da Aula centrou-se no balanço da aula e reflexão acerca da mesma, por parte das professoras e dos alunos, e na projeção para a aula seguinte, após terem sido realizados alongamentos musculares e retorno à calma.

No final de cada plano de aula, foi executada uma justificação da sequência dos exercícios apresentados, bem como, da escolha dos mesmos exercícios consoante as finalidades da aula, fundamentando essas decisões.

## **1.2. Realização**

A prática pedagógica centra-se em cerca de quatro dimensões, Instrução, Gestão, Clima e Disciplina, as duas últimas aparecendo, muitas vezes, associadas e dependentes. Centrando a nossa intervenção pedagógica nestas quatro dimensões e cumprindo os mínimos requisitos de cada uma, somos capazes de fomentar um processo ensino-aprendizagem ativo e com aprendizagem com qualidade, por parte do aluno.

### 1.2.1. Instrução

A Instrução diz respeito a todos os momentos de transmissão direta de conhecimento, seja ela pela apresentação de conteúdos verbais, ou através da demonstração. Assim a instrução comporta a preleção, o questionamento, a demonstração e o *Feedback* Pedagógico (FB), todos elementos da responsabilidade do professor, tratando-se da forma mais básica e importante de intervenção pedagógica.

Em todas as aulas existiu uma preleção inicial e uma preleção final. A preleção inicial teve como finalidade, estabelecer os objetivos da aula, contextualizá-la na UD em questão e traçar um resumo do que seria abordado na aula. A preleção final teve como objetivo o balanço e reflexão acerca da aula. Os alunos, juntamente com a professora, realizavam uma reflexão acerca do seu desempenho e a mesma estabelecia uma ligação com a aula seguinte. Também eram focados e revistos os conteúdos abordados na aula, como forma de resumo final.

Para além destas duas preleções, existia sempre um momento de instrução antes de cada exercício para explicação do mesmo, sendo que, se fosse possível reduzir esse tempo com uma demonstração que garantisse a compreensão dos alunos, devíamos fazê-lo, como forma de potencializar o tempo de prática.

A demonstração é um elemento de intervenção pedagógica e de transmissão de conhecimento. Esta pode ser aplicada em relação à explicação de alguma técnica ou tática, bem como, em relação à execução de exercícios da aula e pode ser realizada através de demonstração prática pelo professor ou alunos, por sequências fotográficas ou esquemas e vídeos.

Esta técnica de intervenção pedagógica é uma mais valia para a aprendizagem do aluno, pois este é capaz de criar uma imagem mental pela qual se deve guiar para executar o pretendido. Quer isto dizer que este modelo deve ser o mais correto possível e próximo da realidade da modalidade para que o aluno não fique com uma imagem errada do que tem que fazer e aprenda erradamente. “O importante na demonstração é transmitir ao aprendiz/observador as características espaciais e temporais corretas do movimento” (Go, Bruzi, Bastos, & Chiviacowsky, 2011, p. 396)

O questionamento é outra ferramenta crucial na aquisição de conhecimentos dos alunos. Esta é, também, uma forma que o professor tem de se certificar que a sua informação está a ser adquirida pelos alunos e de compreender que alterações deverá realizar, se tal não acontecer.

O questionamento foi muito utilizado no balanço final das aulas para perceber que dificuldades os alunos tiveram, para nos certificarmos que os nossos objetivos tinham sido cumpridos, bem como, conduzir a reflexão dos alunos acerca do seu desempenho. No decorrer das aulas, o questionamento foi utilizado para reforçar os conteúdos e para rever outros que deveriam estar adquiridos, e, também, para transmitir conhecimentos ao nível cognitivo, tratando-se de um instrumento ao qual recorreremos com alguma frequência.

As questões foram, por vezes, utilizadas como forma de *feedback* para levar o aluno a refletir rapidamente sobre o seu desempenho e a procurar a solução para o seu problema.

De acordo com Siedentop (2008), “o *Feedback* pode ser definido com uma informação relativa a uma resposta que se utilizará para modificar a resposta seguinte”, isto é, o FB é uma informação de retorno proveniente de um ato de um aluno.

O *Feedback* é dos elementos mais importantes na intervenção pedagógica pois é um instrumento de informação direta ao aluno. Enquanto a demonstração é informação visual (dada no início ou no fim dos exercícios) e o questionamento leva à reflexão do aluno, o *feedback* é uma informação dada em tempo real, de acordo com o desempenho do aluno sendo possível a imediata reação do mesmo a este estímulo, definindo-se como “uma informação proporcionada ao aluno para ajudá-lo a repetir os comportamentos motores adequados, eliminar os comportamentos incorretos e conseguir os resultados previstos”. (Piéron M. , 1999, p. 122).

Em relação a este instrumento de intervenção pedagógica, o mesmo foi utilizado inúmeras vezes durante as aulas nos seus inúmeros tipos (descritivo, prescritivo, de reforço, interrogativo, positivo, negativo, avaliativo, etc.) e formas (verbal, visual, quinestésico, etc.). Recorreu-se também à variação do FB em relação ao momento, ou seja, por vezes foi dado antes de o aluno iniciar a ação para poder precaver a ocorrência de erros, e levar a que o aluno atingisse uma

melhor *performance*, outras vezes, depois do aluno realizar a ação, como forma de reforço positivo ou negativo e correção, e, alguns, durante a realização dos exercícios, nomeadamente FB de reforço e motivacionais, aquando de exercícios mais específicos, como são os exercícios de treino de capacidades coordenativas.

Desta forma, o FB dado foi, maioritariamente, individual, ainda que quando o erro ou a situação era generalizada em toda a turma ou grupo, o mesmo já era dado para estes atores de modo a facilitar a transmissão de conhecimentos e rentabilizar o tempo. Sempre que foi necessário interromper, o exercício foi interrompido para poder realizar o *feedback* e uma pequena preleção explicativa acrescida de demonstração, caso fosse pertinente.

Em relação a esta dimensão da intervenção pedagógica notou-se uma evolução positiva por parte da professora estagiária detentora desta turma. Inicialmente o FB era muito reduzido e as demonstrações e questionamento quase inexistentes. Ao longo do tempo e com o ganho de confiança perante o Ensino e a turma em si, este panorama foi-se alterando e já foi possível observar mais intervenções e, muitas vezes, a paragem total da aula para levar a que os alunos atingissem o objetivo desejado e para que todos fossem capazes de ouvir e observar os mesmos modelos, bem como, o fecho de ciclos de *feedback* no qual evidenciou algumas dificuldades de realização no início da sua atividade letiva.

No que diz respeito à preleção inicial, esta foi-se tornando mais curta e objetiva, e em relação à preleção final, esta foi-se tornando mais específica e com objetivos mais determinados, realizando o fecho da aula na sua plenitude com extensão dos conteúdos para a aula seguinte e o reforço de comportamentos disciplinares o que, neste contexto escolar, foi feito desde o início dada a necessidade de atribuição de notas relativas ao Comportamento e Trabalho aos alunos.

Em suma, consideramos a Instrução como o maior agente de ensino da intervenção pedagógica, na medida em que, é nesta dimensão que o conhecimento é transmitido diretamente e o aluno recebe estímulos e indicações para melhorar o seu desempenho e as suas capacidades.



### **1.2.2. Gestão**

Gerir bem uma aula é, desde logo, um avanço na melhoria de desempenho do aluno.

É importante potenciar o tempo de prática do estudante e diminuir ao máximo o tempo despendido em instrução e organização das tarefas, pois é na prática que o aluno adquire o contacto com a ação motora pretendida e é através da prática que o aluno consegue corrigir e melhorar os seus erros.

O tempo de preleção é diminuído através do recurso a demonstração e da utilização de terminologia prática e concisa que leve a que, em poucas palavras, os alunos compreendam o pretendido e estejam aptos para iniciar a prática. Para reduzir o tempo de organização, devemos socorrer-nos de “truques”, ou seja, deslocar-nos para o espaço de aula mais cedo para montar o primeiro exercício e, se for possível, mais do que apenas o primeiro; iniciar a montagem do exercício seguinte enquanto os alunos realizam o anterior, assim que seja possível, é, também, um mecanismo de redução de tempo; também, envolver os alunos em rotinas organizativas leva a esta redução e pode, até, levar a um maior envolvimento do aluno na aula, nas tarefas e a um maior interesse e comprometimento do mesmo pela modalidade e maior aquisição de conhecimento.

Numa aula de Educação Física, nem todo o tempo estipulado é tempo de prática. Na realidade, o tempo útil de aula trata-se de uma subtração ao tempo total da aula do tempo de instrução e organização.

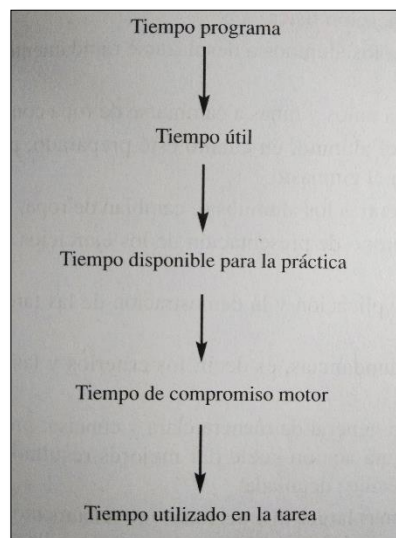
No Estágio Pedagógico, tivemos sempre em conta, na planificação das aulas, o tempo de instrução e organização de cada exercício, incluindo-os já no tempo total do exercício.

Neste caso específico existiram ainda dois momentos em que o tempo útil de aula é diminuído: no início e no final da aula.

Antes de cada aula de 50 minutos, os alunos tinham uma aula teórica o que levava ao atraso sistemático dos mesmos, cerca de cinco minutos. Antes de cada aula de 105 minutos, os alunos tinham o seu intervalo no espaço onde decorria a aula. Posto isto, não era permitido iniciar a montagem do material antes da hora da aula, ou seja, cerca de cinco minutos iniciais desta aula estavam destinados a organização da turma e do material.

No final da aula, dado estarmos num CE, os alunos tinham de sair cinco minutos mais cedo da aula para terem tempo de se deslocar à unidade e realizar a revista individual prevista.

Estes dois momentos de atraso da aula foram, desde o início do ano, informados ao núcleo de estágio e foram tidos em conta aquando da planificação das aulas. Quer isto dizer que, por exemplo, na aula de 50 minutos, dez são logo gastos para estes dois momentos, ficando, portanto, a aula reduzida, a 40 minutos. Contabilizando os tempos de preleção e organização e, considerando já uma boa prestação por parte das estagiárias, perdemos dez minutos de aula, perfazendo, assim, um tempo de prática de 30 minutos, sendo que nem todo este tempo é de empenhamento motor.



*Figura 2 – Perceção de Tempo Útil (Piéron M. , 1999, p. 107)*

Há, ainda aspetos a referir em relação à Gestão da aula, nomeadamente, a circulação pela periferia do grupo que, inicialmente não foi muito executada por falta de confiança, mas que, rapidamente, foi corrigida. Consideramos que a circulação é uma boa ferramenta na perceção de erros e conceção de FB aos alunos dada a proximidade com estes, para além de permitir um maior controlo dos jovens.

Além disso, a transição entre tarefas é fundamental para que não haja perda de tempo na organização. A mesma sofreu uma evolução ao longo do tempo

e, com a prática de montagem do material e instrução mais rápida e concisa foi-se aprimorando esta componente, vendo este tempo reduzido.

É, portanto, necessário, prestar atenção a esta dimensão, pois interfere diretamente com a dinâmica da aula e com a planificação da mesma dado que “toda a perda de tempo na Gestão, por parte do professor, geralmente é irrecuperável” (Piéron M. , 1999, p. 106)

### **1.2.3. Clima/Disciplina**

Associadas na maioria das aulas, as dimensões Clima e Disciplina podem ser consideradas dependentes uma da outra na medida em que o Clima afeta a Disciplina e a Disciplina provém do Clima da aula.

Clima é todo o ambiente em que decorre a aula e diz respeito ao ritmo da aula, à motivação dos alunos, às suas relações interpessoais e à relação pedagógica professor-aluno.

Disciplina é a capacidade de manter a turma controlada, não a nível militarista, mas de modo a evitar comportamentos de desvio e fora da tarefa e de modo a estabelecer regras cumpridas pelos alunos para que a aula decorra com naturalidade e fluidez.

Normalmente, quando o clima se torna negativo, leva a uma quebra posterior no ambiente de aprendizagem dos alunos levando-os a comportamentos de desvio e à quebra de regras através de reações espontâneas. Desta forma, é necessário tomar conta destas duas dimensões como um todo e promover o equilíbrio entre as duas. Siedentop (2008) afirma que a aprendizagem tem mais sucesso numa aula disciplinada e, portanto, se o nosso objetivo enquanto professores é promover um ensino de qualidade, cabe-nos a nós mesmos procurar esta estabilidade nas nossas aulas.

No CEO, esta estabilidade era frequentemente afetada e todas as aulas eram uma surpresa para nós, professoras. Cada vez que havia uma alteração no habitual funcionamento deste centro (por exemplo, entrada ou saída de jovens), os alunos ressentiam-se e tornavam-se mais agitados.

Com efeito, existiram aulas em que os alunos corresponderam bastante ao pretendido, estavam motivados e com vontade de aprender, provocando um ambiente positivo e de aprendizagem para o qual não necessitámos de tanto FB motivacional e de reforço, podendo investir em correções técnicas. Com isto, os alunos não adquiriam tantos comportamentos de desvio e respeitavam mais facilmente as regras impostas. Por outro lado, existiram dias em que os alunos não estavam, de todo, motivados, a aula aborrecia-os e não tinham vontade de realizar os exercícios, não colaboravam na aula, o que acabava por afetar a disciplina visto que sentíamos necessidade de os chamar a atenção, de ser mais insistentes para a realização das tarefas provocando reações negativas e a quebra de regras.

Existiram ainda situações em que a aula iniciou muito bem, num ambiente bastante positivo, mas que, por algum motivo, os alunos reagiram negativamente uns aos outros, afetando as suas relações interpessoais, provocando uma grande instabilidade na aula dado que, a qualquer momento, um dos jovens poderia ter uma reação mais forte e quebrar o ritmo e clima da aula.

Este é um contexto muito específico e que obriga a uma grande capacidade de adaptação à estabilidade emocional dos alunos, pois são jovens com um histórico pessoal forte e com oscilações de personalidade e humor que interferem diretamente com o funcionamento das aulas e, até, do planeamento.

Uma grande ajuda no CEO para manter a disciplina era o facto de os jovens serem avaliados em relação ao Comportamento em todas as aulas. Esta avaliação podia ter efeitos negativos no desenvolvimento do processo dos jovens, o que os levava a acatar melhor a disciplina imposta e a pensar um pouco mais antes de adotarem comportamentos negativos.

Ainda assim, consideramos que os comportamentos dos jovens do CEO eram menos graves que alguns comportamentos conhecidos do ensino regular, sendo que no CEO, a maior parte dos comportamentos de desvio eram a conversa entre os pares, a utilização do material sem autorização, a conversa enquanto a professora falava e a iniciação dos exercícios sem autorização, excetuando todos os comportamentos fora da tarefa que ocorriam enquanto os alunos deveriam estar a realizar o que era proposto. Todas estas situações foram facilmente controladas por nós, havendo respeito por parte dos alunos.

#### **1.2.4. Decisões de Ajustamento**

O CEO é uma escola muito peculiar, com características muito específicas.

É possível que numa aula, existam alunos que não estejam presentes por lhes ter sido aplicado um procedimento disciplinar, por ida a tribunal, por apoios escolares, apoio com o serviço de psicologia ou, ainda, porque o aluno se magoou num intervalo ou no Desporto Escolar e ficou com baixa médica, vindo-se impedido de realizar aula. O professor deve estar preparado para todas as alterações e ajustamentos possíveis e necessários.

Muitas vezes aconteceu um aluno novo entrar na turma e não termos conhecimento dessa situação, ou seja, mais um elemento num planeamento que não tinha isso previsto.

Queremos, com isto, dizer, que a necessidade de ajustar o plano de aula é constante e as decisões de ajustamento têm de ser muito rápidas para que os alunos não fiquem à espera, mas que garantam sempre a melhor qualidade de ensino, seja com um aluno a mais ou a menos. Desta forma, realça-se que praticamente todas as aulas sofreram alterações em relação ao plano inicial, devido a imprevistos deste tipo.

Em relação ao Plano Anual, o mesmo não sofreu grandes alterações, destacando-se apenas a alteração em relação às UD do último período letivo. No último período letivo estava previsto, inicialmente, abordar Basquetebol visto que se previa que muitos dos alunos iniciais da turma já não estivessem presentes (os que apontaram não gostar da modalidade), mas que outros estivessem e, portanto, uma abordagem mais pormenorizada e com objetivos mais complexos seria realizada. Tendo em conta que um dos alunos que não gosta de Basquetebol, foi condenado a um aumento da sua medida, decidimos alterar esse planeamento e, embora de acordo com o PNEF o Andebol seja introduzido apenas no 3º ciclo, decidimos abordar essa modalidade, até porque os alunos tinham idades superiores ao indicado num segundo ciclo e apresentavam um diagnóstico favorável à lecionação desta UD. Por outro lado, o aluno em questão terminou o curso de 2º ciclo e, portanto, saiu da turma, ou seja, permitiu a reintrodução da modalidade na planificação até porque, este jovem era o último jovem da turma

inicial, sendo que todos os outros entraram durante o ano letivo e, portanto, já o Estágio Pedagógico estava a decorrer.

### **1.3. Avaliação**

“Avaliar consiste em atribuir um valor, um juízo sobre algo ou alguém, em função de um projeto implícito ou explícito” (Sánchez, 1996, p. 13), ou seja, classificar algo em relação a um objetivo definido, sendo um “processo dinâmico, contínuo e sistemático focado nas alterações do comportamento dos alunos, mediante as quais verificamos as conquistas adquiridas em função dos objetivos propostos” (Sánchez, 1996, p. 15).

A avaliação pedagógica consiste em traçar objetivos de acordo com as capacidades dos alunos e compreender se os mesmos foram capazes de os atingir, criando estratégias para que esta evolução seja possível. É também importante colocar o aluno e o próprio Encarregado de Educação a par deste processo evolutivo da aprendizagem do aluno, ou seja, de acordo com o Despacho Normativo nº1-F/2016, a avaliação “fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento do trabalho, de modo a permitir a revisão e melhoria do processo de ensino-aprendizagem”.

Neste caso concreto, não existe ligação aos Encarregados de Educação e, portanto, os mesmos só têm acesso à classificação final dos alunos.

A avaliação é realizada em três momentos de cada UD. Num momento inicial é realizada a avaliação diagnóstica, no decorrer do processo ensino-aprendizagem é feita a avaliação formativa e, num momento final executa-se a avaliação sumativa.

#### **1.3.1. Avaliação Diagnóstica**

De acordo com o Despacho Normativo nº 1-F/2016, “a avaliação diagnóstica responde à necessidade de obtenção de elementos para a fundamentação do processo de ensino e de aprendizagem e visa a facilitação da integração escolar e a orientação escolar e vocacional”, ou seja, a avaliação diagnóstica é um momento inicial de avaliação em que o professor avalia quais os

adquiridos de um aluno em relação a dada matéria ou objetivo para que seja possível definir metas para o aluno e para a turma com base nesses conhecimentos, bem como, para definir estratégias para aplicar durante a UD para que os alunos sejam capazes de alcançar esse objetivo. Com isto, “pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base aquelas” (Ribeiro, 1999, p. 79)

Para avaliação diagnóstica recorreremos à introdução dos alunos na situação mais próxima da realidade de cada modalidade, ou seja, em relação aos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), os alunos foram introduzidos em situação de jogo, em relação a modalidades individuais, os alunos realizaram os exercícios o mais próximo possível do objetivo final de cada modalidade por forma a compreendermos quais as maiores dificuldades e quais as capacidades de cada aluno. Assim, para avaliação inicial de Ginástica, os alunos realizaram sequências de elementos de Ginástica de solo e acrobática e realizaram saltos nos aparelhos, para avaliação de Atletismo, os alunos realizaram a situação mais complexa de Corrida de Estafetas e Corrida de Velocidade para compreender quais os conceitos que os alunos tinham.

Nesta avaliação foram definidos três níveis: NE (Não Executa), o qual o aluno não executava de todo o movimento técnico ou tático; E (Executa), o qual o aluno era capaz de realizar a situação pretendida, mas apresentava algumas dificuldades e/ou incorreções; e EB (Executa Bem) em que o aluno realizava o pretendido sem grandes incorreções ou mesmo correto na totalidade. Desta forma foi possível distinguir os alunos nos três grupos de nível definidos, o nível 1, o qual engloba alunos que não conheciam a modalidade e não eram capazes de se movimentar nem realizar gestos técnicos ou táticos, o nível 2, onde foram inseridos a maior parte dos alunos, em que os mesmos conheciam as modalidades e eram capazes de realizar a situação complexa mas apresentavam dificuldades e incorreções, devendo ser realizada uma abordagem de revisão dos conteúdos; e o nível 3 em que os alunos praticamente não apresentavam dificuldades, dominavam a matéria e compreendiam os conceitos inerentes à modalidade.

Após a observação direta dos alunos e registo nas grelhas de avaliação (Anexo 3), realizámos um relatório de avaliação diagnóstica em que considerámos

as dificuldades dos alunos e as metas a atingir, bem como, estratégias para as atingir, dividindo a turma em grupos de nível, ainda que, neste contexto escolar não fosse possível realizar diferenciação pedagógica muito pronunciada dada a reduzida dimensão das turmas.

Em síntese, a avaliação é o primeiro passo a realizar antes de iniciar o processo de ensino-aprendizagem e, por isso, realizou-se no início de cada UD e não no início do ano letivo, até porque a turma esteve em constante modificação.

### **1.3.2. Avaliação Formativa**

A avaliação formativa é um processo contínuo decorrente da lecionação de cada UD e visa avaliar a cada aula a evolução dos alunos perante um objetivo, traçando assim o desenvolvimento dos alunos, para que seja possível reformular as estratégias adotadas para que os alunos com maiores dificuldades atinjam as metas estabelecidas e, se for o caso, se os alunos as atingiram antes do previsto, ser possível estabelecer novas e adaptar o processo. Resumindo, “a avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução” (Ribeiro, 1999, p. 84)

Este tipo de avaliação permite ao professor e ao aluno saberem em que ponto da evolução se encontram e que esforços devem ser incutidos para ultrapassar os objetivos.

A avaliação formativa foi realizada através de observação direta e questionamento dos alunos, seguida da inscrição destas informações em grelhas de registo (Anexo 4) através de códigos numéricos: 1, se o aluno regrediu na sua evolução, 2, se o aluno manteve o seu conhecimento e não progrediu no processo de aprendizagem e 3, se o aluno apresentou melhorias e desenvolvimentos na aquisição de conhecimentos.

Através deste registo foi, também, possível adequar a nossa intervenção pedagógica ao nível do planeamento a curto prazo, ou seja, foi possível adaptar os planos de aula às necessidades dos alunos, bem como, o nosso *feedback* pedagógico e questionamento. As nossas demonstrações e preleções passavam a serem mais incisivas e pormenorizadas em aspetos que considerávamos



necessários para uma melhor evolução dos alunos e uma aquisição dos conhecimentos com qualidade. Quer isto dizer que a “avaliação formativa sustenta a regulação do ensino e aprendizagem durante o período em que esta decorre” (Pinto, 2004, p. 9).

A maior dificuldade aquando da avaliação formativa foi captar todas as dificuldades dos alunos. Embora a turma fosse pequena, cada um tinha a sua especificidade e foi necessária uma atenção redobrada com estes alunos, que tiveram muito pouco contacto com a prática desportiva supervisionada antes de integrarem o CEO, ou seja, sob o acompanhamento de alguém capaz de dar *feedback* e de corrigir os seus erros, sendo necessária uma intervenção sistemática, realçando, assim, a importância da avaliação formativa.

### **1.3.3. Avaliação Sumativa**

“A avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino” (Ribeiro, 1999, p. 89). Considerando este tipo de avaliação um “juízo global sobre as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos” (Despacho normativo nº1-F/2016), serve de informação final acerca das aprendizagens dos alunos e da aquisição de conhecimentos, controlando, assim, a ultrapassagem das metas estabelecidas pela avaliação diagnóstica e desenvolvidas pela avaliação formativa.

Este tipo de avaliação, muitas vezes, é predeterminado pela avaliação formativa, na medida em que, o professor já sabe que classificação atribuir ao aluno antes do momento formal de avaliação sumativa.

Este momento acontece no final da UD e, neste contexto, foi realizado colocando os alunos em situações formais da modalidade, um pouco como o realizado na avaliação diagnóstica. Desta forma, os alunos foram avaliados em contexto real e complexo, devendo aplicar os seus conhecimentos adquiridos ao longo do período de lecionação da matéria, conjugando todos os elementos técnicos e táticos que as modalidades exigem.

A avaliação sumativa foi feita em cerca de três domínios, o Domínio Psicomotor em que foram avaliados os conhecimentos motores dos alunos e suas capacidades de execução prática, o Domínio Cognitivo em que foram avaliados os conhecimentos teóricos em relação às modalidades (regras, regulamentos, terrenos de jogo, etc.), e o Domínio Socio Afetivo em que os alunos foram avaliados relativamente às suas atitudes e valores na aula (empenho, relações interpessoais, comportamento, etc.).

No decurso deste ano letivo, a avaliação sumativa foi realizada com recurso a uma tabela (Anexo 5) onde foram registadas as classificações de cada aluno de acordo com cinco níveis de desempenho 1 – Não Executa, 2- Executa com muitas incorreções, 3- Executa, ainda que com algumas incorreções, 4 – Executa com facilidade e com poucas incorreções e 5 – Executa sem incorreções. Estes mesmos níveis de desempenho foram aplicados ao domínio cognitivo, no que diz respeito ao conhecimento de regras e regulamentos, bem como ao domínio socio afetivo em relação aos diferentes parâmetros. Findo o preenchimento desta tabela, foi realizado um relatório reflexivo sobre a mesma e sobre o caminho percorrido desde a avaliação diagnóstica até à avaliação sumativa, com base nos registos da avaliação formativa.

Esta avaliação realizou-se na última aula de cada unidade didática, visto ser a aula em que os alunos atingiram o máximo de conhecimentos, pelo que seriam capazes de os demonstrar, na sua plenitude.

No final do período letivo, realizámos, também, uma grelha em que constava toda a avaliação realizada por UD (Anexo 6) para que se chegasse a uma nota final de período para lançamento de classificações.

Concluimos, então, que esta avaliação é o ponto de balanço e reflexão acerca das estratégias adotadas e de todo o processo ensino-aprendizagem para uma dada modalidade abordada e/ou para todo o período letivo.

#### **1.3.4. Autoavaliação**

A autoavaliação consiste num momento de reflexão por parte dos alunos, no qual os mesmos realizam um balanço acerca do seu percurso, avaliando o seu empenho, a sua evolução nas habilidades conseguidas, a sua recetividade aos

novos conteúdos, traçam o percurso decorrido desde as suas expectativas iniciais pessoais e o que realmente aconteceu ao longo da UD, bem como, apontam as dificuldades sentidas ao longo da mesma.

Esta autoavaliação foi também realizada no final de cada período, através do questionamento, pedindo sempre aos alunos uma justificação englobando todas as UD abordadas. Visto que a classificação final dos alunos é de 1 a 5, a autoavaliação foi feita nesses mesmos parâmetros.

#### **1.4. Parâmetros e Critérios de Avaliação**

“Os procedimentos e instrumentos para a avaliação devem estabelecer-se e utilizar-se em coerência com o tipo de informação que se pretende obter e com o tipo de capacidade ou de aprendizagem sobre as quais se deseja obter informação” (Álvarez, et al., 2004, p. 39).

É, portanto, necessário adequar os parâmetros às capacidades dos alunos e aos objetivos estabelecidos de acordo com o nível de cada um.

Considerando que em relação à prática deve existir um domínio psicomotor e um domínio cognitivo que já inclui a teoria desta prática, é, para além disso, crucial estabelecer um domínio socio afetivo em que os alunos são avaliados numa componente pessoal e social. É de realçar que, tratando-se de um centro educativo, este último domínio tornou-se ainda mais importante e, portanto, o núcleo de estágio decidiu, de acordo com os objetivos internos do CEO, atribuir 40% da avaliação final a este domínio. Por outro lado, tendo em conta que os nossos objetivos foram fomentar a prática da atividade física e o gosto pelo desporto, decidimos atribuir apenas 5% ao domínio cognitivo, para compensar a importância da prática e do saber fazer por parte dos alunos, atribuindo 55% ao Domínio Psicomotor.

<b>Domínio</b>	<b>Parâmetros</b>	<b>Níveis de Classificação</b>	<b>Fórmula de Cálculo</b>
<b>Psicomotor</b>	Aquisição de gestos técnicos e táticos da modalidade, consoante os objetivos	1 – Não executa, 2 - Executa com muitas incorreções 3 - Executa, ainda que com algumas incorreções 4 – Executa com facilidade e com poucas incorreções 5 – Executa sem incorreções	Média dos parâmetros x <b>55%</b>
<b>Cognitivo</b>	Aquisição de conhecimentos teóricos das UD (regras, regulamentos, objetivos)	1 - Desconhece totalmente 2 – Conhece muito pouco 3 – Conhece genericamente 4 – Conhece bem, aplica e respeita 5 – Conhece muito bem	Média dos parâmetros x <b>5%</b>
<b>Socio Afetivo</b>	Participação Empenho/Interesse Comportamento Autonomia Responsabilidade Relações Interpessoais	1 – Raramente (ou nunca) 2 – Poucas frequente 3 – Frequente 4 – Muito Frequente 5 – Constante (sempre)	Média dos parâmetros x <b>40%</b>

*Tabela 2 – Parâmetros e Critérios de Avaliação de Educação Física*

A fórmula de classificação destes domínios foi a realização da média de classificações de todos os parâmetros, associando-a à percentagem equivalente. Para a classificação final é realizada a soma destas classificações parciais, devendo os alunos adquirir uma nota entre 1 e 5 valores.

Inicialmente tínhamos previsto, no domínio socio afetivo, atribuir uma percentagem parcial a cada parâmetro, de acordo, com os objetivos do CEO, mas acabamos por não o realizar visto considerarmos que os jovens já têm a sua medida e o seu processo avaliativo, bem como, a avaliação parcial de todas as aulas e, portanto, optamos por executar a média, igual aos restantes domínios.

### **1.5. Atitude Ético-Profissional**

“Tendo a função educativa como fim o desenvolvimento de outros seres humanos, torna-se evidente que ela tem de ser eticamente exercida, o que significa que quem a desempenha tem de orientar a sua acção por princípios éticos de carácter geral e por normas de carácter mais específico ajustadas às situações profissionais. Por outras palavras, o exercício docente requer uma ética profissional e/ou uma deontologia” (Estrela, 2010, p. 69)

O professor é alguém que, para além de protagonizar a intervenção pedagógica deve e tem de estar envolvido noutras atividades da escola.

Durante todo o estágio pedagógico é previsto que o estagiário se envolva de forma ativa com toda a comunidade escolar e em diferentes ambientes, ou seja, que não se limite a ir à escola dar aulas e observar os colegas, mas que se envolva no grupo disciplinar, na equipa docente e não docente e que seja capaz de criar um laço de comunicação com toda a comunidade escolar.

Desta forma, o professor divide-se entre funções disciplinares, funções institucionais e funções sociais, tornando-se um elo de ligação entre alunos e o restante corpo escolar.

Tendo em conta estas funções do docente, mantivemo-nos disponíveis para colaborar com os restantes professores, com os funcionários e auxiliar os alunos fora da aula, sempre que necessário. Participámos nas atividades da escola, bem como, nas reuniões de turma, avaliação e grupo, já que como professoras estagiárias assumimos a função docente na sua plenitude.

O CEO pertence ao Agrupamento de Escolas Martim de Freitas e realizaram-se diversas atividades integradas neste agrupamento, já que o primeiro tem particularidades que não permite a realização de atividades incluídas no Plano Anual de Atividades de uma escola regular.

Com efeito, acompanhámos e colaborámos no corta-Mato Escolar na Martim de Freitas, em que alguns jovens do CEO participaram. Dois dos jovens ficaram apurados para a fase distrital na Figueira da Foz, da qual participámos também e acompanhámos esses jovens, participando ativamente no papel motivador dos jovens, visto ser um dia diferente para eles. Também, acompanhamos a equipa do CEO a torneios de Futsal e Badminton realizados na

sede do agrupamento, como forma de motivar os alunos e de compreendermos como se processam estas atividades que não existem no CE.

No CEO, auxiliámos os professores sempre que necessário, através do trabalho de assessoria, mas, também, através de trabalho voluntário. Escrevemos as notícias dos eventos desportivos para colocar no “Jornal com Pinta” e no jornal digital do CEO. A certa altura do ano letivo, o outro professor de EF faltou, com justificação médica e foi necessário dar substituição às turmas desse professor até à colocação de um docente substituto, tarefa esta que aceitámos de bom grado e vimos nela uma oportunidade de evoluir mais rapidamente e conhecer outra turma, outros alunos, outras capacidades e necessidades de ensino.

Também, para evoluir mais e melhor, e para ter uma experiência pedagógica diferente, participamos como preletores na “VII Oficina de Ideias em Educação Física” organizada pelo núcleo de estágio da Escola Secundária de Avelar Brotero, em que tivemos a oportunidade de expor as nossas dificuldades enquanto professores no CEO e pudemos partilhar opiniões com os colegas e outros professores acerca dos métodos utilizados. Também, participamos como preletores no “VII Fórum Internacional das Ciências da Educação Física”, para uma experiência de apresentação para uma grande audiência e numa grande sala (o auditório do IPDJ), por forma a apresentarmos o nosso Aprofundamento do Tema-Problema. Participámos, também, nas Jornadas Científico-Pedagógicas, parte integrante do MEEFEBS para testarmos, pela primeira vez, as nossas apresentações do Aprofundamento do Tema-Problema, para que tivéssemos oportunidade de o apresentar pela primeira vez em público e perceber os pontos negativos e positivos e em que podemos melhorar a nossa apresentação e a discussão do nosso tema.

Em síntese, e segundo o Guia de Estágio 2017/2018, “a ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão de intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do *agir profissional* do futuro professor”, reforçando a ideia de que o professor é o exemplo e deve dar o exemplo aos seus alunos.

## 1.6. Justificação das Opções tomadas

“Os educadores físicos devem ser eficazes, se querem que os seus alunos cultivem o hábito da prática regular de atividade física e dos desportos. Se os alunos não são motivados pela Educação Física durante o tempo que estão na escola, não desenvolvem as habilidades necessárias para esta prática e haverá poucas oportunidades para se converterem em pessoas ativas” (Siedentop, 2008, p. 38)

O nosso objetivo, enquanto agentes de ensino, foi procurar oferecer a melhor qualidade de ensino aos nossos alunos, promover a prática desportiva e o gosto pela atividade física e levá-los ao maior aproveitamento da aula de Educação Física enquanto aula mais didática, em relação a outras disciplinas.

Com isto queremos dizer que, as nossas estratégias e estilos de ensino foram adequadas à capacidade dos alunos e às suas necessidades. Procurámos, também, recorrer a um modelo de ensino que nos permitisse alcançar, o mais didaticamente possível, os nossos objetivos e que permitisse aos alunos usufruir ao máximo da prática desportiva.

À exceção da Ginástica, recorreremos ao Modelo de Ensino “*Teaching Games for Understanding*” (Ensinar jogos para a compreensão) para todas as Unidades Didáticas, visto ser um modelo bastante didático e que leva a que os alunos estejam, constantemente, inseridos em situação de jogo, aprendendo e introduzindo conteúdos a partir dessa situação, excluindo as situações analíticas, “este jogo inicial ganha uma forma diferente da versão de jogo real, em virtude de modificações realizadas de acordo com os problemas dos estudantes” (Mitchell & Oslin, 2005, p. 222), ou seja, é um modelo em que os alunos estão em constante prática e evita o aborrecimento que, neste contexto, é muito frequente podendo levar a comportamentos desviantes. Durante as aulas recorreremos, portanto, ao jogo e a situações jogadas para ensinar os nossos alunos e motivá-los para a prática

Recorreremos, também, ao Modelo de Responsabilidade Social e Pessoal (*Personal and Social Responsibility*), visto que os alunos estão internados num centro educativo e que a sensibilização para a responsabilidade social é um dos grandes focos de ação do CEO. Ainda, é necessário que os jovens compreendam as consequências das suas ações, sejam elas negativas ou positivas, e que se tornem responsáveis por essas ações. De acordo com Parker & Stiehl (2005) as crianças devem ter contacto com comportamentos responsáveis e compreender a

sua importância, portanto, este modelo foi aplicado através da atribuição de tarefas aos alunos com algum tipo de responsabilidade, como por exemplo, arbitrar um jogo ou realizar os alongamentos. Desta forma, os alunos tomaram uma posição com algum tipo de estatuto na aula, por forma a ganharem essa responsabilidade referida, nas suas atitudes e para perceberem que as decisões tomadas podem gerar diferentes reações, dependendo dos colegas.

Ainda, recorremos ao modelo de ensino da Educação para a Condição Física que pretende fomentar a prática da condição física e promover hábitos de vida saudáveis, ensinando aos alunos os benefícios desta atividade para a sua saúde e bem-estar, “os estudantes necessitam de aprender porque é importante desenvolver e manter níveis adequados de atividade física. (McConnell, 2005, p. 265). Com este modelo de ensino foi possível abordar as diferentes capacidades coordenativas.

Tendo em vista o nosso objetivo principal do estágio pedagógico, sempre nos focamos em melhorar a aptidão física dos nossos alunos. Posto isto, nas aulas de 105 minutos, sempre se realizou trabalho específico de capacidades coordenativas. É importante este trabalho, com estes jovens, pois a sua estadia no CEO prende-se com rotinas muito repetitivas e com uma alimentação que contém muitos hidratos de carbono e comidas consideradas pesadas. Assim, os jovens, enquanto internados, têm tendência a engordar e chegam a ganhar mais de 10kg em relação ao peso inicial, aquando da entrada para o CEO.

O controlo destes parâmetros de avaliação de condição física foi realizado através da aplicação dos testes FITescola. Estes testes foram aplicados no início de cada período letivo, realizando um trabalho contínuo ao longo do período para melhorar os resultados, sendo que no último período, e já que este apenas termina a 15 de julho, os testes são repetidos nas últimas aulas do ano.

Relativamente aos estilos e estratégias de ensino, recorremos inicialmente ao estilo de Comando em que os alunos realizavam o que as professoras diziam, na medida em que era necessário impor disciplina na aula e definir regras, bem como, estabelecer um tipo de personalidade nas aulas. Este estilo de ensino centraliza-se muito no professor e no conteúdo e era este o objetivo inicial no Estágio Pedagógico. À medida que a turma foi compreendendo as regras da aula



e fomos desenvolvendo a confiança necessária e a relação professor-aluno, decidimos abranger outros estilos de ensino, como o ensino por tarefa, no qual as professoras realizavam demonstrações e explicavam os exercícios, cabendo aos alunos tomar o ritmo do exercício e serem autónomos nas suas decisões e na forma como executavam o que era proposto. Este estilo de ensino, por tarefa, foi o mais utilizado e o que predominou em todo o ano letivo, dando às professoras o seu papel de agente de ensino, mas dando, também, aos alunos, a responsabilidade de aprender da melhor forma que conseguissem e de decidir de que forma deviam realizar o exercício, tendo os alunos mais liberdade de decisão, com vista à consciencialização, novamente, dos jovens.

Em relação à Ginástica Acrobática, o ensino por descoberta guiada predominou, na medida em que as professoras davam material de apoio aos alunos e cabia-lhes a eles construírem aquelas figuras, sempre com o FB e o auxílio da professora e em cooperação entre colegas. Também na Ginástica, mas já na Ginástica de Aparelhos, recorreu-se a um ensino inclusivo na medida em que os alunos evoluíram de forma diferente nos saltos nos aparelhos e, consideramos não fazer sentido um aluno com maior desenvolvimento estar constantemente a realizar um salto que já é capaz de fazer com correção, apenas porque necessita de esperar pelo colega que tem mais dificuldades. Desta forma, o ensino inclusivo imperou nesta modalidade.

Como já foi referido, existem duas aulas por semana de Educação Física, separadas por um dia. A primeira de 50 minutos realizou-se à terça feira e, a segunda, com 105 minutos realizou-se à quinta feira. Desta forma foi necessário seleccionar as matérias a abordar em cada aula visto que, a aula de terça feira era da parte da manhã e a aula da quinta feira era da parte da tarde.

Esta diferença de horários permitia a utilização de espaços diferentes, dependendo do tempo atmosférico, ou seja, sempre que o clima permitisse e estivesse favorável era utilizado o campo exterior para as aulas, nomeadamente a primeira aula da semana já que, a segunda aula, por ser ao final da tarde, já poderia estar escuro ou frio para os jovens que, raramente se apresentavam com outro conjunto de roupa que não, calções e t-shirt.

Com isto, a lecionação das modalidades foi distribuída de forma a que as matérias possíveis e beneficiadoras do espaço exterior, que era maior, fossem dadas no horário e período letivo com clima favorável e, as matérias com necessidade de utilização do pavilhão ou, pelo menos, que pudessem ser abordadas, sem grande prejuízo, neste espaço, fossem abordadas, maioritariamente em meses de frio e chuva e à quinta feira quando a aula era ao final do dia.

Concluindo, o objetivo do Estágio Pedagógico, segundo o Guia de Estágio, é “favorecer a integração dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos quatro anos de formação inicial” e, portanto, foi nessa base que atuamos, aplicando os conhecimentos adquiridos e procurando novos conhecimentos que melhor se adequaram ao contexto encontrado.

### **1.7. Questões Dilemáticas**

Ao iniciar a prática pedagógica deparámo-nos com um conjunto de questões que nos fizeram refletir acerca das nossas convicções enquanto professores em formação e em relação ao tipo de professor que queremos ser.

Inicialmente, ainda o Estágio Pedagógico não tinha começado já um conjunto de questões nos abalavam:

- Que ano de ensino vamos lecionar?
- Quantos alunos terá a turma?
- No CEO, o ensino não é regular, como vamos planificar as aulas de acordo com o PNEF?
- Que idades terão os nossos alunos?
- Seremos capazes de controlar a turma?

Todas estas e outras questões foram resolvidas no primeiro dia de estágio quando percebemos que existiam apenas dois ciclos de ensino e que as turmas abrangiam idades diferentes, sendo possível, adaptar o PNEF de acordo com as necessidades e capacidades de cada um. Descobrimos, também, que as turmas eram de número reduzido o que facilitava o seu controlo, acrescido do acompanhamento de um monitor, um segurança e o próprio professor orientador, portanto, tudo estava assegurado.

Em relação à abordagem da turma, questionámo-nos da forma como a iríamos fazer, porque nos apercebemos que os alunos sabiam que éramos professoras estagiárias. Decidimos, portanto, adotar uma postura um pouco mais séria e de imposição de regras e limites para que os alunos compreendessem que o nosso papel era o de ensinar e sermos professoras e para isso teríamos de garantir as condições necessárias.

Ao iniciar o planeamento foi-nos informado que mais do que dez aulas, por cada bloco de matéria, era excessivo, pois os alunos já não iriam adquirir conhecimentos, visto que se aborreciam muito facilmente. Também fomos informadas que nos iriam questionar bastante acerca do Futsal. Logo aí, acabamos por definir que iríamos abordar o Futsal, fosse em que período fosse visto ser uma modalidade preferida dos alunos. A questão que se impunha era: como vamos abordar a matéria em apenas 10 aulas, com alunos que praticamente não tiveram contacto com a escola? Após a avaliação diagnóstica foi, sempre, necessário seleccionar os conteúdos a abordar e qual o foco que pretendemos impor na UD para que os alunos fossem capazes de ter as noções gerais da mesma e realizá-la na sua totalidade, ainda que com incorreções.

Que modalidades abordar? Depois de analisar o PNEF e os recursos temporais disponíveis, com a condicionante das dez aulas por UD, tínhamos a opção de escolher menos modalidades e repeti-las uma segunda vez, ao longo do ano, ou abordar modalidades diferentes. Acabámos por decidir a segunda opção na medida em que o nosso objetivo era ensinar os alunos, mas ensiná-los a gostar da atividade física e do desporto e fomentar a prática desportiva. Assim, dar-lhes um leque mais vasto de modalidades permite que eles possam aliar-se a uma delas e, no futuro, optar pelo treino mais aprofundado. Considerámos ser um objetivo plausível, tendo em conta, o contexto em nos apresentávamos

Neste contexto existiu, ainda, uma grande dificuldade que foi dividir a turma em grupos de nível. Ainda que, de acordo com a avaliação diagnóstica a turma estivesse em diferentes níveis de ensino, na prática não foi possível diferenciar os alunos dessa forma e, portanto, a maior parte das modalidades foram abordadas com recurso à heterogenia. Tendo em conta que a turma tinha um número reduzido de alunos, nos JDC e no Atletismo (Corrida de Estafetas) foram sempre usados grupos heterogéneos para que fosse possível equilibrar as equipas e todos os

alunos terem a oportunidade de aprender. Também na Ginástica, nomeadamente, Ginástica Acrobática foram feitos grupos heterogéneos para gerar entreajuda e cooperação entre os alunos. No que diz respeito ao Badminton, esta foi a única modalidade em que os alunos foram colocados em grupos homogéneos, aquando da situação de jogo, para os alunos jogassem com alguém com as suas capacidades e mesmo para facilitar o FB e a intervenção pedagógica ser mais individualizada a cada nível de ensino. Ainda assim, os alunos foram jogando entre si para que não estagnassem no seu desenvolvimento e experimentasse diferentes formas de jogar. Por outro lado, uma das grandes preocupações era organizar os grupos de trabalho consoante as relações interpessoais dos alunos por forma a não gerar conflitos durante a aula, ou seja, existiram um conjunto de fatores a ter em conta aquando do planeamento da aula e dos seus grupos.

A maior dificuldade sentida foi, no 3º período, a turma estar toda diferente da turma inicial e, portanto, todo o trabalho de confiança, de estabelecer limites e regras, de compreender os alunos e eles nos compreenderem que tinha sido desenvolvido, voltou a uma fase inicial em que tudo tem de ser feito de novo, pois não consta na turma ninguém que possa “passar a mensagem”.

## **2. Atividades de Organização e Gestão Escolar**

No âmbito da Área 2 – Atividades de Organização e Gestão Escolar do Estágio Pedagógico, foi realizado um trabalho de assessoria ao cargo de Mediador do CEO.

Este cargo em muito se assemelha ao Diretor de Turma, ou seja, é um cargo ao nível da gestão intermédia da Área Escolar nos CE, já que é o responsável por todas as questões da turma desde justificação de faltas, revisão de sumários, direção das reuniões de turma e avaliação, entre outras tarefas direcionadas com a turma que dirige. No CEO existem dois mediadores, cada um com duas turmas a seu cargo.

Esta assessoria foi realizada ao mediador das turmas B2 – Operador de Jardinagem e B3 – Operador de Manutenção Hoteleira.

De acordo com os objetivos iniciais definidos, os quais foram cumpridos, ainda que com algumas dificuldades, fomos capazes de conhecer a função e todas

as tarefas inerentes à mesma, bem como, a sua importância para o funcionamento do CEO; compreendemos o funcionamento do CEO, ainda que não fosse possível compreender todo o funcionamento em si, visto que como estagiárias e parte integrante da área escolar, houve situações que não nos diziam respeito e não nos eram explicitadas; ainda, definimos meios e estratégias para auxiliar o mediador em todo o ano letivo e percebemos que estratégias são utilizadas para colmatar dificuldades do aluno, concluindo que todos os alunos adquiriam plano de recuperação às disciplinas que apresentavam maiores dificuldades, para que o sucesso do mesmo fosse alcançado. Com isto, conseguimos conhecer as turmas e suas especificidades, ainda que não nos fosse possível ter acesso ao processo individual de cada aluno, nem a sua evolução no processo tutelar educativo.

Consideramos uma mais valia esta tarefa inserida no Estágio Pedagógico na medida em que é necessário que os estagiários compreendam que o professor não vai à escola apenas para dar aulas e ensinar, há mais tarefas a desenvolver pelos docentes que têm a sua especificidade e grau de importância dentro da escola para o sucesso da mesma e dos processos de ensino-aprendizagem.

### **3. Projetos e Parcerias Educativas**

#### **3.1. Magusto no CEO**

O “Magusto no CEO” foi um evento organizado pelas estagiárias de EF do CEO.

Este evento contou com a participação de todos os jovens institucionalizados no CEO à data de 14 de novembro de 2017, dia da realização do evento.

O “Magusto no CEO” teve como principal objetivo celebrar o Magusto e o dia de S.Martinho no centro e promover a cultura portuguesa e as tradições adjacentes a esta época do ano, nomeadamente, os Jogos Tradicionais Portugueses.

Para o planeamento do evento foi realizado um projeto que contava com os objetivos do evento, as tarefas a desempenhar, os custos associados, cronograma da atividade, entre outros aspetos fundamentais e necessários para a realização de um evento, para que no próprio dia tudo estivesse programado e

previsto por forma a que o desenrolar da ação ocorresse da melhor forma e sem sobressaltos ou imprevistos de última hora.

Consideramos que o evento foi recebido muito positivamente por parte dos jovens e por todo o pessoal docente e não docente do CEO, sendo que algumas destas pessoas participaram juntamente com os jovens nas diversas atividades. Assim, foi possível compreender que os jovens ganharam outra perspetiva e outro conhecimento do país em que vivem e da sociedade em que estão inseridos, tendo, no final, um *feedback* bastante positivo por parte dos mesmos, apontando a atividade como “divertida” e “diferente dos dias normais do CEO”.

No dia da atividade, tivemos algumas alterações, nomeadamente, em relação aos horários e turmas previstas, bem como, em relação ao espaço pois foi-nos possível realizar o evento no exterior dadas as boas condições atmosféricas, acrescentando um ponto favorável ao evento.

### **3.2. Jogos Paralímpicos do CEO**

A atividade “Jogos Paralímpicos do CEO” surgiu no âmbito da Área 3 do Estágio Pedagógico e teve como principal objetivo a sensibilização dos jovens para as pessoas com deficiência e para as dificuldades que as mesmas enfrentam no seu dia a dia, bem como, na prática desportiva, o qual, os jovens consideraram bastante corriqueiro.

Este evento foi da total organização das estagiárias de EF e contou com o apoio da FCDEFUC e do Núcleo de Estudantes de Atividade Física Adaptada (NEAFA) da FCDEFUC, para a utilização do material necessário para a realização destes jogos.

O evento decorreu nos dias 3 e 4 de abril, da parte da manhã por forma a todos os alunos puderem participar, já que, sendo período de férias da Páscoa, o CEO tem outro tipo de funcionamento.

O projeto deste evento descreveu toda a planificação necessária para a realização do mesmo, com uma descrição específica dos jogos a realizar e do material necessário, para que não existissem dúvidas nem falhas. No próprio dia do evento não existiram falhas, nem grandes alterações, apenas as turmas que

estavam previstas para ambos os dias foram alteradas por parte da Coordenadora da Área Escolar, o que não prejudicou em nada a atividade.

Os alunos foram bastante receptivos ao evento e participaram ativamente nas atividades. No final, foi possível realizar uma reflexão com as turmas e perceber quais as dificuldades que sentiram em realizar os jogos adaptados, imaginando o que sentem as pessoas com deficiência e o que estas sentem. Foi, também, traçado um paralelismo com situações do dia a dia dos jovens e foram-lhes questionadas as dificuldades que eles sentiriam, dentro e fora do CEO, se fossem portadores de alguma deficiência, sensibilizando-os para a existência de problemas graves na sociedade que prejudicam a inclusão destas pessoas.

## **CAPÍTULO IV - Aprofundamento do Tema-Problema**

### **1. Introdução**

Um Centro Educativo comporta um panorama diferente do habitual, nomeadamente, ao nível do Ensino. As turmas não ultrapassam os nove alunos e o total de jovens no centro não ultrapassa o número máximo suportado por algumas turmas existentes nas escolas regulares.

Todas estas alterações levam a que um professor, e principalmente um professor estagiário, se questione acerca de um conjunto de assuntos. Assim, surgem as questões acerca da visão que os alunos teriam da Escola antes de ingressarem no CEO, visto que num curso de 2º Ciclo como é o caso, há alunos com idades correspondentes ao Ensino Secundário, portanto, seria interessante investigar e tentar compreender o que levou estes alunos a desistir da escola e, por consequência, que visão teriam estes alunos acerca da Educação Física, sempre na expectativa de que esta fosse o escape para qualquer situação negativa na vida dos mesmos.

O objetivo deste estudo é compreender a visão dos jovens em relação à Escola e à Educação Física e se existiu alguma evolução nesta mesma, depois de internados no CEO.

O estudo foi realizado com a turma B2 – Operador de Jardinagem, que mantinha, na altura, oito elementos.

### **2. Enquadramento Teórico**

“A delinquência juvenil visa representar a prática, por indivíduo com idade compreendida entre 12 e 16 anos, de um facto qualificado pela lei como crime nos termos da Lei Tutelar Educativa” (Gabinete do Secretário-Geral, 2017)

Estes indivíduos são, de acordo com os crimes praticados, internados em Centros Educativos, de entre outras medidas institucionais, ou são apenas condenados a medidas na comunidade, tal como o acompanhamento tutelar educativo.

Estima-se que, em 2017, existiu uma diminuição de 8,4% das medidas em Centros Educativos, com cerca de 305 jovens internados durante o mesmo ano.



Por outro lado, no primeiro trimestre de 2018, ocorreu um aumento de pedidos de internamento em Centros Educativos de 8,1% (DSOPRE, 2018, p. 2), contrariando a evolução positiva ocorrida no ano anterior.

Oriundos de diferentes históricos familiares, estes jovens são endereçados para um apoio que não lhes foi possível oferecer na vida em sociedade e junto das suas famílias. Posto isto, cumprem medidas em internamento, em Centros Educativos que podem ir desde seis meses a três anos. Assim, veem-se privados de liberdade e de uma vida ativa, sendo obrigados a obedecer a rotinas específicas.

Posto isto, toda atividade lúdica destes jovens centra-se nos intervalos, quando passados em locais propícios a atividade física, às aulas de Educação Física e, se for o caso, ao Desporto Escolar. Por outro lado, as refeições dadas a estes jovens são na base dos hidratos de carbono e não lhes é negada nenhuma quantidade de comida, desde que seja suficiente para todos. Estes jovens têm, ainda, a possibilidade de comer doces ou guloseimas levadas pelos familiares, de acordo com a evolução do seu processo tutelar educativo.

Assim, os “jovens em Centros Educativos têm maior risco de mortalidade prematura ou morbidade” (Feinstein, et al., 1998, p. 194), pois não existe um controlo muito rigoroso no que comem às refeições e não existe uma prática de atividade física concordante com as rotinas passivas existentes nos CE. Há, portanto, de acordo com Grifo (2010), uma necessidade de prevenção, o mais precoce possível, adquirindo a Educação Desportiva e a prática desportiva, o papel de agente promotor do desenvolvimento moral e da inclusão social, com vista a alcançar efeitos duradouros positivos na vida destes jovens.

Com efeito, é necessária a Educação Física escolar para combater estes parâmetros ao nível da saúde, mas, também, para cooperar com o trabalho educativo do centro, na medida em que o desporto promove uma série de regras e de valores éticos que os jovens são capazes de adquirir num processo, natural e subentendido, de ensino-aprendizagem de uma modalidade desportiva. É, portanto, fulcral levar para as aulas de Educação Física aspetos de responsabilidade social, tal como aponta o Modelo de Ensino de Responsabilidade Pessoal e Social, para que os jovens sejam capazes de assumir responsabilidades pelos seus atos e comportamentos, bem como, serem capazes de cooperar em

sociedade e responsabilizarem-se enquanto cidadãos. Desta forma, “poderemos dizer que estes jovens, apesar do contexto em que estão inseridos (em centros educativos), conseguem distinguir o bem do mal, considerando o desporto como uma atividade motivante, em que se revelam as suas atitudes representativas do raciocínio e formação de carácter moral” (Grifo, 2010, p. 30), funcionando o desporto e a prática desportiva como elemento formador.

Reforçando o valor que tem a EF na vida destes jovens, é importante saber se os mesmos têm a noção desse valor e qual a importância que esta disciplina e a Escola, como elemento formador, adquirem nas suas vidas. Principalmente, é importante perceber se a visão dos alunos se alterou depois do internamento no Centro Educativo, derivada desta intervenção pedagógica necessária e existente.

### **3. Objetivos**

#### **3.1. Objetivo Geral**

Qual a influência da Educação Física nos Jovens do CEO? O que pensam eles das aulas de Educação Física?

Com este estudo pretendemos dar resposta a estas e outras questões que se impõem quando se inicia o ano letivo num Centro Educativo, em que a maioria dos jovens aponta o Futebol como desporto favorito, como atividade que realiza nos tempos livres (mesmo fora do CE) e que mais querem realizar durante as aulas. É, ainda, importante perceber que influência tem a Educação Física na vivência destes jovens, qual o contributo que esta tem enquanto formadora pessoal e social e qual a opinião dos mesmos em relação à disciplina e aulas em si, para que seja possível tornar a EF num meio moldador de personalidades e num instrumento de superação deste período da vida dos jovens.

#### **3.2. Objetivos Específicos**

- Compreender qual a influência da Escola e da Educação Física na vida e vivências destes jovens;
- Compreender qual a ideia genérica e o que pensam os jovens da Educação Física seja dentro, como fora do CEO;

- Perceber se houve evolução na forma de ver a EF, por parte dos jovens depois de internados no CEO.
- Compreender o que mais gostam nas aulas de Educação Física, em termos de dinâmicas de aula e de que forma se motivam mais para a Educação Física;
- Compreender a visão dos alunos perante o professor de EF e as matérias abordadas.

## **4. Método**

### **4.1. Amostra**

A amostra é composta pela turma de Educação Física do curso B2– Operador de Jardinagem que integra oito jovens do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, (M, L, JP, J, TS, F, TP, D).

### **4.2. Tipo de Estudo**

Esta investigação é realizada através de um estudo *Focus Group*.

Este tipo de estudo consiste na realização de um debate/entrevista em que se junta um número reduzido de participantes para abordar um determinado tema, com um moderador que conduz este debate. Segundo Krueger & Casey (2009), num *Focus Group* os participantes são selecionados porque têm características em comum relacionadas com o tópico a abordar, eles não são escolhidos aleatoriamente para participarem do estudo.

“Também designado como grupo de discussão, é uma técnica que visa a recolha de dados, podendo ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação” (Silva , Veloso, & Keating, 2014, p. 177), levando a uma análise de conteúdo, com base em análise qualitativa.

Em suma, o *Focus Group* “envolve um grupo relativamente homogéneo de cerca de seis a oito pessoas que se reúnem por um período de cerca de uma hora e meia a duas horas. A interação do grupo é moderada por um avaliador ou investigador que estabelece os tópicos ou perguntas para discussão” (A Avaliação do Desenvolvimento Socioeconómico, MANUAL TÉCNICO: Métodos e Técnicas, p. 1)

### **4.3. Instrumentos**

Para a realização deste estudo foi realizado um Guião de Debate (Anexo 7) que contém cinco áreas principais de abordagem da entrevista: Escola, Educação Física, Aulas de Educação Física, Professor de Educação Física e Matérias de Educação Física.

As duas primeiras categorias foram divididas em duas subcategorias, fora e dentro do CEO e contém questões acerca das vivências e sentimentos que os jovens têm acerca da Escola e da Educação Física. Em relação às restantes categorias são todas abordadas através de aspetos positivos, negativos e opções de melhoria.

Para analisar os dados, recorreremos à análise transversal de conteúdo, realizada sem nenhum suporte informático, em que a entrevista foi recortada de acordo com o conteúdo e sua adequação a cada categoria e subcategoria. Este conteúdo foi organizado em Unidades de Registo que “corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (Bardin, 1977, p. 104), que surgiram de Unidades de Contexto da entrevista servindo de “unidade de compreensão ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registo) são ideais para que se possa compreender a significação exata da unidade de registo”, podendo estas ser a(s) frase(s) ou palavra que melhor se adequar. (Bardin, 1977, p. 107)

### **4.4. Procedimentos**

Iniciámos por realizar o guião de entrevista, a qual foi aplicada em grupo, a cada turma, em novembro.

Esta entrevista/debate teve como moderador o professor orientador do CEO. Tendo em conta que existiram questões acerca das professoras estagiárias e acerca das aulas dadas pelas mesmas considerou-se que se alguma das duas fosse a moderadora do debate não ia permitir que os alunos expressassem os seus reais sentimentos e a sua real opinião.

Finda a entrevista, realizou-se a transcrição total de mesma para se proceder à análise de conteúdo. Depois de transcrita, foi analisada e preencheu-se a tabela de análise, para averiguar os resultados da turma respetiva.

## 5. Resultados

Temas	Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de Contexto
<b>Escola e Educação Física</b>	Opinião sobre a Escola	Fora do CEO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fora do CEO há mais liberdade para decidir se vão ou não às aulas</li> <li>- Não ia às aulas</li> <li>- Ia à escola para o convívio</li> <li>- Sentimento Negativo</li> <li>- Gosto da escola, mas não das aulas</li> <li>- Não gosto de aulas, nem da Escola</li> <li>- Não tem importância para o futuro</li> <li>- Boas vivências</li> <li>- Sentimento positivo na escola</li> <li>- Ia para jogar Futebol</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lá fora a gente tem mais liberdade, não temos que ir às aulas todas. A gente só faz o que a gente quer. (M)</li> <li>- Boas vivências, senti-me sempre bem (TP)</li> <li>- Não ia às aulas. Ia para estar com o pessoal todo da escola (TP)</li> <li>- Não ia à escola, só ia às vezes (L)</li> <li>- Ia às aulas, às vezes. Via a escola como algo negativo (J)</li> <li>- Gostava da escola, mas não gostava das aulas (F)</li> <li>- Gostava do convívio, das raparigas (F)</li> <li>- Faltava à escola para fazer coisas mais importantes, mais interessantes (F)</li> <li>- Não ia às aulas, mas gostava de ir à Escola (D)</li> <li>- Ia à escola para o campo de Futebol</li> <li>- Ia para a escola, mas não ia às aulas, ficava com os rapazes cá fora. (JP)</li> <li>- Não gosto de aulas, não gosto dos professores, não acho que vai ter importância no futuro para mim (JP)</li> <li>- Ia à escola, mas não ia. Ficava a conviver com os meus colegas (TS)</li> </ul>

---

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escola era aborrecida (TS)</li> <li>- Sentimento negativo em relação à Escola (TS)</li> <li>- Eu gosto da escola (F)</li> </ul>
Dentro do CEO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É bom ir à escola</li> <li>- É o único passatempo, a única coisa que tenho para fazer</li> <li>- Gosto das aulas</li> <li>- Visão mais positiva</li> <li>- Estando cá dentro, sou obrigado a ir</li> <li>- A escola é uma oportunidade</li> <li>- Continua a ser aborrecido</li> <li>- É importante para aprender a lidar com situações do dia-a-dia</li> <li>- Serve para aprender</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Já, lá fora só de pensar em ir às aulas não apetece. Aqui, mesmo que esteja lá em cima e não apeteça, depois chego cá abaixo e até gosto da aula (J)</li> <li>- Eu acho que é bom, ir à escola, ter um curso (J)</li> <li>- Aqui a escola é a única coisa para nós, a escola é o único passatempo, aqui a escola é basicamente o que nos safa o tempo que ficamos aqui (F)</li> <li>- Vou às aulas tenho estado a gostar das aulas, é um mais ou menos. Preciso de me habituar às aulas (D)</li> <li>- Já que estou cá dentro, tenho de habituar-me e tenho de cumprir e assim tenho de ouvir o que seja (JP)</li> <li>- Sei lá. Mudou a minha visão, ficou mais positiva (L)</li> <li>- Estou todo o tempo ocupado, se não aprender, vou fazer o quê? (TP)</li> <li>- É uma oportunidade a escola, principalmente já que estou aqui dentro vou fazer a escola o máximo possível (M)</li> <li>- Não, continuo a achar que é aborrecido (TS)</li> <li>- Serve para aprender, mesmo que não vá para a jardinagem, já se sabe alguma coisa (J)</li> <li>- Todos os dias aprendo uma coisa diferente, matemática, para sabermos fazer as contas. Português para sabermos assinar</li> </ul>

---

			contratos. Historia e cidadania, para saber as cenas do TAEG's (F)
Opinião sobre a EF	Fora do CEO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A única aula a que ia</li> <li>- Ia a tudo o que fosse desporto</li> <li>- Ia para reforçar o corpo</li> <li>- Ia quando fosse Badminton, Futsal ou Basquetebol</li> <li>- Ia, mas só fazia Futsal</li> <li>- Sentimento positivo</li> <li>- Sentimento Negativo (um)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Era a única aula a que ia (todos)</li> <li>- Ia por causa das raparigas (J)</li> <li>- Tudo o que fosse desporto (F)</li> <li>- Eram as únicas aulas que ia (M)</li> <li>- O pavilhão abria aulas extra com o professor e eu ia, era para reforçar o nosso corpo (J)</li> <li>- Ia à EF, mas só quando era Badminton, Futsal ou Basquetebol (JP)</li> <li>- Eu gostava era de correr e era jogar à bola (D)</li> <li>- Do 4ºano para cima, não gostava de nada (L)</li> <li>- Ia à EF, era a única e só fazia Futsal (TP)</li> <li>- Não ia a nenhuma disciplina, nem EF (TS)</li> <li><b>- Todos têm sentimento positivo menos TS que tem negativo</b></li> </ul>
	Dentro do CEO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gosto das aulas</li> <li>- Gosto de situações de jogo, formas jogadas</li> <li>- Gosto de aula física, de musculações</li> <li>- Gosto de treinar em grupo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gosto das aulas, Jogos e situações de jogo. (JP)</li> <li>- Prefiro em situação de jogo, a forma de ser dada a matéria, temos de treinar com diferentes movimentos e direções (J)</li> <li>- Gosto do jogo, formas jogadas. (L)</li> <li>- Gosto de aula mais física, turma dividida a fazer o jogo, mais conversação (TP)</li> </ul>

			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gosto de nada</li> <li>- Gosto de EF</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gosto de fazer as musculações, treinar em grupo e treinar sem grupo, fazer jogos, gosto mais da prática (M)</li> <li>- Não gosto nada na EF. (TS)</li> <li>- Eu gosto de fazer Educação Física (F)</li> </ul>
	Mudança de Perspetiva depois de integrar o CEO		Todos menos TS alteraram a sua perspetiva	Na generalidade, todos mudaram de perspetiva, como visto em "Opinião sobre a EF", exceto o jovem TS que mantém a sua opinião negativa acerca da Escola, da EF e das aulas.
<b>Aulas de EF</b>	Opinião acerca das aulas	O que mais gostam	<ul style="list-style-type: none"> <li>- De fazer desporto</li> <li>- De correr</li> <li>- De desportos coletivos e individuais</li> <li>- Prefiro aula em jogo</li> <li>- De competição</li> <li>- De trabalho individual</li> <li>- De trabalho de grupo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Eu gosto de fazer desporto, gosto de jogar à bola, seja o que for. Desporto e EF vai-me manter em forma, saudável. (F)</li> <li>- Gosto de correr, gosto de desportos coletivos e individuais (L)</li> <li>- Correr e jogar à bola (D)</li> <li>- Gosto mais de fazer competições daquela Ginástica em grupo (TP)</li> <li>- Prefiro que as aulas sejam rápidas, mais em jogo, prefiro que seja fazer desporto algum jogo. (J)</li> <li>- Gosto de competição, seja individual, seja coletiva. (JP)</li> <li>- Dois tipos de trabalho individual ou em grupo, prático e o outro que a gente faz sozinhos também. Eu gosto de tudo na EF (M)</li> </ul>
		O que menos gostam	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação com os colegas</li> <li>- Quando me esforço e dizem que não o fiz</li> <li>- Esforço físico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que menos gosto é da relação entre colegas. (F)</li> <li>- O que menos gosto é quando me esforço e dizem que não me esforço, é o que menos gosto. (F)</li> <li>- Não gosto do esforço físico. (L)</li> </ul>



			- De ser o volante na Ginástica	- Não gosto de ser o volante.
			- Quando tenho más notas na aula	- Quando tenho 3 2 (JP)
		O que gostavam que fosse alterado	- Mais Futsal	- A 'stora não dá Futsal, alterava isso. (F)
			- Ir ao ginásio do CEO	- Podia-nos levar ao ginásio. (F)
			- Mais situação de jogo	- A mim é só a cena de Futsal, situação de jogo não é assim a passar um para o outro. (TP)
				- Em relação à aula de EF, metia mais Futsal (L)
				- Jogar Futsal. (JP)
<b>Professora de EF</b>	Opinião acerca da professora	O que mais gostam	- A 'stora não desiste de nós	- O que mais gosto é que a 'stora não desiste de nós, mesmo que não sejamos capazes, a 'stora não desiste de nós, puxa por nós. (F)
			- Maneira de ensinar	- Gosto da maneira de ensinar da professora (J)
			- Maneira de dar a aula	- Gosto da maneira de aprender, gosto da maneira que a 'stora dá a aula, a 'stora é de jeito, diz as coisas na cara, não guarda para o dia seguinte, gosto de aprender o que a 'stora ensina, já aprendi várias coisas também (M)
			- É direta e frontal	- Gosto da maneira como a 'stora dá as aulas (JP)
			- Maneira de falar	- Gosto de ouvir a professora a falar, a 'stora também é boa professora, também fala connosco, fala à vontade, é engraçada, é inteligente, puxa por nós (F)
			- Explica bem as coisas	- A 'stora é de jeito, o que tem para dizer diz na cara também, explica bem as coisas, tem calma com os jovens, se os jovens não percebem ela tenta ajudar, tenta ajudar o máximo também. (M)
			- Melhor professora de EF	
			- Do à vontade da professora a falar	

---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gosto da maneira que ela dá aula. (...) A maneira como ela fala, gosto da voz da professora, (TP)</li> <li>- Gosto muito da professora, a professora é fixe. (F)</li> <li>- A maneira que ela dá aula, gosto da maneira que ela fala, que ela fala conosco (L)</li> <li>- Fala muito com a gente, explica bem as coisas (D)</li> <li>- Como a '<i>stora</i> fala e como explica como fazer alguma coisa. (TS)</li> <li>- Gosto da maneira que a '<i>stora</i> dá aula, da maneira como explica. Se uma pessoa quer desistir ela é uma pessoa que não deixa desistir, ela insiste com a pessoa para continuar, incentiva a pessoa a fazer as coisas pelo bem. Quando a agente está tipo mais para o aborrecido a '<i>stora</i> mete-nos mais felizes, anima a pessoa (J)</li> <li>- Gosto da '<i>stora</i> porque, pica bem a gente, o que é preciso mudar ela ajuda</li> <li>- A '<i>stora</i> foi a melhor '<i>stora</i> de EF que tive até agora (M)</li> </ul>	
<p>O que menos gostam</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Das notas que dá</li> <li>- É teimosa</li> <li>- Dos grupos que a professora faz</li> <li>- Insistência em fazer algo que não gosto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gosto é das notas (JP)</li> <li>- Quando eu estou ali a falar consigo e ela diz "olha, a aula é ali" (JP)</li> <li>- É teimosa, (TS)</li> <li>- Não gosto quando a professora me mete num grupo em que está um colega que não gosta de mim (TP)</li> <li>- Saber que eu não gosto e a '<i>stora</i> estava ali a incentivar para uma coisa que eu não gosto (J)</li> </ul>

---

		O que gostavam que mudasse	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer aula com os alunos</li> <li>- Correr com os alunos</li> <li>- Castigar os alunos no todo e não só quem fez asneira</li> <li>- Dar melhores notas nas aulas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A 'stora fazer mais aula connosco, correr connosco (F)</li> <li>- A parte das flexões, às vezes um faz uma coisa e só porque o outro se ri o outro tem de fazer também. (J)</li> <li>- Mais (TP)</li> <li>- Aquela cena das flexões, dos castigos (JP)</li> </ul>
<b>Matérias de EF</b>	Opinião acerca das matérias abordadas	O que mais gostam	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Futebol / Futsal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Futebol é o que mais gosto. (JP)</li> <li>- Tudo o que seja abordado, eu gosto (J)</li> <li>- O que mais gosto é de Futsal (TP)</li> </ul>
		O que menos gostam	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Basquetebol</li> <li>- Voleibol</li> <li>- Badminton</li> <li>- Ginástica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- (Tudo o que seja abordado) menos Basquetebol (J)</li> <li>- Não gosto da coisa que demos em primeiro, o Basquetebol. E não gosto de Voleibol e Badminton (L)</li> <li>- Não gosto de <i>basket</i> nem de Ginástica (JP)</li> <li>- O que menos gosto é de praticar o que estamos a praticar nas aulas (F)</li> <li>- <i>Basket</i> é o que menos gosto (L)</li> <li>- Jogar <i>basket</i> é o que menos gosto (D)</li> </ul>
		O que gostariam de abordar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mais Futsal/Futebol</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A 'stora não dá Futsal, alterava isso (F)</li> <li>- A mim é só a cena de Futsal (TP)</li> <li>- Metia mais Futsal (L)</li> <li>- Jogar Futsal. (JP)</li> </ul>

Tabela 3 – Análise de Conteúdo da entrevista Focus Group

Em relação à Escola fora do CEO, ou seja, antes do internamento neste centro, os jovens apresentaram, na sua maioria, sentimentos negativos e de ausência escolar. A maior parte dos alunos afirmou não ir às aulas, embora frequentasse a escola; apontaram o não gostar de aulas como a principal causa de não as frequentarem e preferirem ficar a conviver com os amigos como motivo para tal, bem como, não verem na Escola um elemento útil para o futuro e desenvolvimento pessoal. Apenas um dos alunos afirmou ter um sentimento positivo com a escola, sentindo-se sempre bem, embora, reforçando, por outro lado, a ideia que ia à escola, mas não às aulas e, daí esse positivismo.

Depois de estarem integrados no CEO, a maioria dos alunos alterou a sua perspetiva de ver a Escola. No CEO, a escola era o seu passatempo, viam-na como uma oportunidade que não aproveitaram enquanto estiveram na escola regular, sendo as turmas com um máximo de nove elementos, já diziam gostar das aulas e que aprendiam a lidar com situações do dia a dia. Ainda assim, um dos alunos continuou com a ideia de que a escola é aborrecida e não gosta das aulas.

No que diz respeito à Educação Física, pudemos conferir que tanto na subcategoria “Fora do CEO”, como na “Dentro do CEO”, as respostas foram positivas. Posto isto, em relação à experiência dos alunos fora do CEO, afirmaram ser a única aula a que iam e que gostavam de EF. Também apontaram algumas das modalidades preferidas, referindo que apenas iam a aulas em que fossem abordadas essas modalidades, ou seja, ainda assim, faltavam a algumas aulas da disciplina. Para contrariar estes resultados, existiam dois alunos que não tinham experiência na EF, um porque insistia em não gostar da disciplina e não frequentar as aulas e o outro porque deixou de frequentar a escola após o 4ºano. Já depois de integrarem o CEO, a EF continuou a ser uma disciplina com visão positiva por parte dos alunos. Os mesmos admitiram gostar da disciplina, apontando diferentes exercícios como os seus preferidos, nomeadamente jogos e situações de jogo. Manteve-se a resposta negativa por parte do aluno que considerava a escola negativa e aborrecida, bem como a disciplina de EF fora do CEO.

Em relação às aulas de Educação Física em si, esta parte respeitando apenas as aulas dentro do CEO, os alunos divergiram muito nas suas respostas, abrangendo diferentes pontos de vista. Apontaram a Corrida, Desportos Coletivos, jogos e competições, trabalho de grupo e individual, desportos individuais, condição

física como as suas atividades preferidas e abordagem preferida das aulas, ainda que o aluno sinalizado anteriormente tenha apontado que não gostava de nada em EF. Quanto aos aspetos que menos gostavam, os jovens referiram, também, as mais variadas situações, tais como, a relação com os colegas e o esforço físico, sendo que alguns alunos responderam situações mais pessoais tais como, as más notas no final da aula (relativas ao trabalho e comportamento do aluno na aula), o facto de terem sido volantes na Ginástica (o aluno em questão teve uma má experiência) e “quando me esforço e dizem que não me esforço”, relativamente, à relação da professora com o aluno e a sua forma de interagir com o mesmo. Posto isto, os alunos gostariam de jogar mais Futsal, ir ao ginásio existente no CEO e ter mais situações de jogo na aula, sendo estes os fatores apresentados para melhoria das aulas.

Ao nível da opinião acerca da professora estagiária de Educação Física, os alunos gostaram, principalmente, da persistência da mesma, ou seja, da sua capacidade de insistir com os alunos para que se superassem e que fossem capazes de realizar todos os objetivos, afirmando gostar da forma de ensinar e dar aula, bem como, da personalidade da professora e sua confiança. Em relação a aspetos negativos, os alunos apontaram as notas no final da aula como algo negativo por parte da professora por não estarem nos parâmetros esperados pelos mesmos, não gostavam também dos grupos que a professora fazia para a aula, bem como a sua insistência com os alunos em realizar algo que estes não gostavam. Desta forma, para a professora melhorar devia realizar aula com os alunos, correr com os alunos, devia também dar melhores notas e em vez de castigar toda a turma pelo ato de um, castigar apenas o aluno que errou.

Relativamente às matérias da Educação Física e às que mais gostavam, a opinião é unânime em relação ao Futebol e Futsal; já nas matérias que os alunos não gostam são apresentadas diversas matérias, tais como, Basquetebol, Voleibol, Badminton e Ginástica. Os alunos gostavam que as aulas fossem alteradas na medida possível de introduzir mais Futebol e Futsal.

## 6. Discussão

Através dos resultados obtidos podemos constatar que os alunos registraram uma mudança de perspectiva.

Observou-se que as vivências dos alunos na Escola antes de ingressarem o CEO eram negativas e de bastante ausência do meio escolar nas suas vidas, algo que mudou completamente depois da entrada do CEO: os alunos eram obrigados a ir à escola, o que os fez mudar de opinião pois acabaram por compreender a utilidade da mesma na sua vida futura e perceberem o erro que cometeram e a oportunidade de aprender que perderam ao desistir da escola. O facto de as turmas serem pequenas e os programas adaptados às necessidades e dificuldades de cada aluno pode ter sido um fator decisivo nesta evolução positiva de mentalidade. Esta evolução e mudança de perspectiva era algo expectável pois o centro serve mesmo para esse efeito, mudar a perspectiva que os jovens têm sobre a vida em geral e dar-lhes novas oportunidades e novos rumos, fazendo-os compreender a importância, neste caso, que a Escola tem para o futuro e para o desenvolvimento intelectual de cada um. Deste modo, surpreendeu-nos apenas o jovem que manteve a sua opinião e visão negativa da Escola, da Educação Física e das aulas até ao fim, tratando-se até de um jovem que já está no CEO há algum tempo.

A Educação Física nestes jovens, por outro lado, não teve uma grande alteração de perspectiva visto que a maioria deles apontou esta disciplina como favorita e como a única que frequentavam no ensino regular. Deste modo, os jovens viam a disciplina como algo motivante e na qual gostavam das diferentes matérias abordadas. Os jovens, se já valorizavam a EF fora do CEO, passaram a dar-lhe ainda mais importância pois era uma disciplina didática, que os libertava da sala de aula e, até, do edifício principal do CEO onde todas as suas rotinas se concentravam. A EF é uma disciplina que lhes permitia conversar, conviver, interagir e relaxar um pouco da pressão psicológica de estarem internados. Desta forma, considerámos bastante positivo e apontámos a Educação Física como uma ferramenta fulcral para a ultrapassagem deste período na vida destes jovens.

Com efeito, os jovens apontaram as situações de jogo e os jogos como as situações da aula preferidas, dando ênfase ao aspeto social da Educação Física e

o seu valor, ou seja, o critério a utilizar com estes jovens era o ensinamento através do jogo para alcançar o sucesso e a motivação dos mesmos.

Os alunos apontaram ainda o Futsal como a modalidade que mais apreciavam, sendo uma opinião já esperada pois, através de respostas anteriores dos alunos compreendia-se a ligação dos mesmos com esta modalidade, como elo de ligação entre amigos e desporto-rei no nosso país.

Considerámos que os alunos foram bastante recetivos às professoras estagiárias o que favoreceu o seu desempenho, e levou também a uma predisposição muito favorável por parte dos alunos em aprender e em cooperar com as professoras. Quando questionados sobre a sua professora e sua forma de abordar as aulas, os mesmos responderam muito positivamente e que gostavam da forma de ensinar e abordar as aulas, até porque, abordamos bastante as matérias através do jogo, que foi algo apontado pelos alunos como favorito.

Deste modo, a maioria das respostas foram aproximadamente de encontro ao que era esperado, na medida em que, como já referido, os alunos devem suportar-se do CEO para alterarem alguns pensamentos e algumas formas de ver o mundo, ou seja, esperava-se uma alteração de perspetiva por parte dos alunos, algo que não aconteceu num único jovem.

## **7. Conclusões**

Com este estudo, verificámos que a Educação Física e, mesmo, o Desporto Escolar presente no CEO é um elemento crucial para o desenvolvimento destes jovens.

Os mesmos apresentaram gosto elevado pela Educação Física e, portanto, a mesma deveria ser valorizada e utilizada, em parceria com outras disciplinas, para promover comportamentos responsáveis e para promover o sucesso da medida educativa a que os jovens estão sujeitos.

Bunker e Thorpe (1982) criaram um modelo de ensino com base em situações de jogo. O “*Teaching Games for Understanding*” é, neste estudo, apoiado pois os jovens apontaram as situações jogadas como as suas preferidas, descartando as situações analíticas, até porque era envolvido maior empenho motor nas primeiras.

Esta investigação permitiu-nos compreender as diferentes perspetivas de cada jovem e a evolução das mesmas depois de entrar para o CEO, mesmo que, alguns dos alunos estivessem há relativamente pouco tempo no centro e outros já estivessem há mais tempo, ou seja, a opinião é unânime e os jovens rapidamente se aperceberam dos erros cometidos em relação à Escola.





## **CAPÍTULO V - Conclusão**

Ensino não é simplesmente a transmissão e apropriação simples da matéria programática; é determinante para o desenvolvimento da personalidade dos alunos, dado que contém em si as bases para o seu comportamento moral, forja o seu pensamento, influencia enormemente a sua vontade, os seus sentimentos e atuação, e sua disponibilidade para o empenhamento nas tarefas do dia-a-dia. (Bento, 2003, p. 39)

No final do Estágio Pedagógico é importante refletir acerca da aquisição de conhecimentos e do alcance das metas inicialmente traçadas.

A nosso ver, existiu uma evolução exponencial ao longo de todo o percurso e a facilidade em lidar com as situações de Ensino foi aumentando, na medida em que, o contexto da escola e da turma se tornou mais familiar e bem conhecido de forma a que qualquer imprevisto fosse facilmente contornado. É de realçar que o conhecimento acerca de todo o funcionamento do centro foi também sendo melhorado, levando à melhoria na planificação de aulas e de Unidades Didáticas.

Por outro lado, as atividades de assessoria e a organização de eventos envolvendo toda a comunidade escolar, permitiram-nos compreender melhor a profissão de professor em si, e ajudou-nos a envolver-nos na comunidade escolar, tendo aí uma oportunidade de evoluir ainda mais.

O aprofundamento do Tema-Problema foi, também, um elemento que permitiu a evolução enquanto agente de ensino pois provocou uma reflexão aprofundada. A investigação de um tema específico que leva a novas descobertas na área do Ensino traz benefícios para o nosso desempenho nas escolas.

Assim sendo, consideramos o Estágio Pedagógico uma oportunidade para o desenvolvimento de competências, permitindo-nos crescer enquanto profissionais.

Importa realçar que o Estágio não decorreu num percurso linear, existiram momentos muitos bons e de excelente motivação e outros menos bons em que foi necessária uma energia adicional para sermos capazes de enfrentar os requisitos exigidos. Tal aconteceu devido às diversas tarefas existentes, para além da faculdade, que levaram a uma gestão minuciosa do tempo e organização pessoal, para não falhar em nenhum momento.

Acreditamos que a turma também teve alguma importância nesta instabilidade pois, quando a mesma apresentava períodos mais negativos levava a uma desmotivação e frustração por parte da estagiária na medida em que imprimia esforços para a evolução dos alunos e estes não correspondiam. No entanto, muitas vezes, foi a própria turma a dar motivação à professora e, os próprios alunos, apercebendo-se de uma fase menos boa, aplicavam-se e empenhavam-se, colaborando na aula. Estes aspetos levaram à construção de uma relação muito positiva entre a professora estagiária e a turma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras Citadas

- A Avaliação do Desenvolvimento Socioeconómico, MANUAL TÉCNICO: Métodos e Técnicas. (s.d.). *A Recolha de Dados: Focus Groups (Grupos de Discussão)*. Lisboa.
- Álvarez, J. H., Buendia, R. V., Curiel, D. A., Oliva, F. C., Puerta, I. G., Crespo, C. L., . . . Gorroño, M. M. (2004). *La evaluación en educación física: Investigación y práctica en el ámbito escolar* (1ª ed.). Barcelona: Editorial GRAÓ.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa : Edições 70, Lda. .
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Clark, C. M. (1983). Research on Teacher planning: An inventory of the knowledge base.
- DSOPRE. (2018). *Síntese de Dados Estatísticos Relativos aos Centros Educativos* . Lisboa : Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.
- Estrela, M. T. (2010). *Profissão Docente: Dimensões Afetivas e Éticas* . Porto: Areal Editores .
- Feinstein, R. A., Lampkin, A., Lorish, C. D., Klerman, L. V., Maisiak, R., & Oh , M. (1998). Medical Status of Adolescents at Time of Admission to a Juvenile Detention Center. *Journal of Adolescent Health, 22*, 190-196.
- Gabinete do Secretário-Geral. (2017). *Relatório Anual de Segurança Interna*. Lisboa.
- Go, T., Bruzi, A. T., Bastos, F. H., & Chiviakowsky, S. (2011). O estudo da demonstração em aprendizagem motora: estado da arte, desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, 392-403*.
- Gozzi, M. T., & Ruete, H. M. (2006). Identificando Estilos de Ensino em aulas de Educação Física em Segmentos não Escolares . *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 117-134*.

- Grifo, J. M. (Junho de 2010). Desportivismo e Competência Sociais de Adolescentes em Risco: estudo com rapazes dos 14-18 anos em Centros de Reinserção Social. *Dissertação com vista à obtenção do grau de mestre em Lazer e Desenvolvimento Loyal sob orientação do Prof. Doutor Carlos Eduardo Gonçalves e do Prof. Doutor Manuel J Coelho e Silva* . Coimbra.
- Krueger , R. A., & Casey, M. A. (2009). *Focus Group: A Practical Guide for Applied Research* (4ª ed.). California: Sage Publications, Inc.
- McConnell, K. (2005). Fitness Education. Em J. Lund , & D. Tannehill, *Standards-Based Physical Education Curriculum Development* (pp. 264-279). Sudbury: Jones and Bartlett Publishers .
- Mitchell, S., & Oslin, J. (2005). Teaching Games for Understanding. Em J. Lund, & D. Tannehill, *Standards-Based Physical Education Curriculum Development* (pp. 221-239). Sudbury: Jones and Barlett Publishers.
- Parker , M., & Stiehl, J. (2005). Personal and Social Responsibility. Em J. Lund, & D. Tannehill, *Standards-Based Physical Education Curriculum Development* (pp. 131-153). Sudbury: Jones and Barlett Publishers .
- Piéron, M. (1999). El Profesor. Em *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas* (pp. 105-166). Barcelona: INDE.
- Piéron, M. (2005). La Planificación. Em *Para una Enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas* (2ª ed., pp. 93-104). Barcelona: INDE Publicaciones.
- Pinto, J. (2004). A Avaliação em Educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas. Escola Superior de Educação de Setúbal.
- Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. Em *Avaliação da Aprendizagem* (pp. 75-92). Lisboa: Texto editora .
- Sánchez, D. B. (1996). *Evaluar en Educación Física*. Barcelona: INDE Publicaciones.
- Siedentop, D. (2008). El Aprendizaje del alumno depende de las acciones del profesor. Em *Aprender a Enseñar la Educación Física* (pp. 37-53). Barcelona: INDE Publicaciones.

Siedentop, D. (2008). El Desarrollo de Unidades de Eficaces de Enseñanza. Em *Aprender a Enseñar la Educación Física* (pp. 227-250). Barcelona: INDE Publicaciones.

Silva , I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus Group: Considerações Teóricas e Metodológicas . *Revista Lusófona da Educação* , 175-190.

### **Sites Visitados**

[http://www.agrupamentomartimdefreitas.com/downloads/11\\_12/CEO\\_caracteriz.pdf](http://www.agrupamentomartimdefreitas.com/downloads/11_12/CEO_caracteriz.pdf)

<http://www.dgrs.mj.pt/web/rs/juvenil>

### **Despachos Normativos**

Despacho Normativo nº1-F/2016, de 5 de abril de 2016. Diário da República, Nº66, 2ª Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa

### **Outros Documentos**

Programa Nacional de Educação Física

Guia de Estágio Pedagógico 2017/2018

Relatório Mensal dos Centros Educativos relativo ao mês de março de 2018, realizado pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais



# **ANEXOS**



## ANEXO 1 – Questionário aplicado aos alunos no início do ano letivo



Faculdade de Ciências do Desporto e  
Educação Física da Universidade de Coimbra



Centro Educativo dos Olivais

Nome \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_ Ano/Turma \_\_\_\_\_ Gostas de Educação Física? SIM  NÃO

O que mais gostavas de fazer nos tempos livres? \_\_\_\_\_

Praticaste algum desporto? Qual? \_\_\_\_\_

Qual a modalidade que mais gostas? \_\_\_\_\_

E a que menos gostas? \_\_\_\_\_

Quais as expectativas para as aulas de EF?

---

---

---

O que mais gostas de fazer nas aulas de EF?

---

---

---

Ideias/Sugestões para as aulas

---

---

---

Obrigada e Bom Trabalho!

Profª. Estagiária Carolina Santos

## ANEXO 2 – Modelo de Plano de Aula

Plano de Aula			
Professora:		Data:	Hora:
Ano/Turma:	Período:	Local/Espaço:	
Nº da aula:	U.D.:	Nº de aula / U.D.:	Duração da aula:
Nº de alunos previstos:		Nº de alunos dispensados:	
Função didática:			
Recursos materiais:			
Objetivos da aula:			

Tempo		Objetivos específicos	Descrição da tarefa / Organização	Componentes Críticas	Critérios de Êxito
T	P				
Parte Inicial da Aula					
Parte Fundamental da Aula					
Parte Final da Aula					

<b>Fundamentação/Justificação das opções tomadas (tarefas e sua sequência):</b>

**ANEXO 3 – Grelha de Avaliação Diagnóstica**

Ação/Gesto								
Nome								

**ANEXO 4 – Grelha de Avaliação Formativa**

<b>Gesto / Ação</b>																														
<b>Aula</b>	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
aluno																														
aluno																														
aluno																														

**ANEXO 5 – Grelha de Registo de Avaliação Sumativa**

Gesto Nome	Domínio Psicomotor								Domínio Cognitivo	TOTAL

**ANEXO 6 – Grelha de Avaliação de Final de Período**

Modalidade	UD1				UD2				UD3				NOTA FINAL	
Domínio	P	C	A	TOTAL	P	C	SA	TOTAL	P	C	SA	TOTAL		
Nome														
													média	nº inteiro

## ANEXO 7 – Guião de Entrevista do estudo *Focus Group*

Blocos Temáticos	Objetivos	Questões
Opinião sobre a Escola e a EF	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a ideia que os jovens têm sobre a escola, fora do CEO</li> <li>- Conhecer a ideia que os jovens têm sobre a EF, fora do CEO</li> <li>- Conhecer a ideia que os jovens têm da Escola, no CEO</li> <li>- Conhecer a ideia que os jovens têm da EF, no CEO</li> <li>- Saber se o CEO mudou a perspetiva que os alunos tinham sobre a Escola e a EF</li> <li>- Perceber qual a utilidade futura da escola para estes jovens, vem como a sua importância</li> </ul>	<p>Qual a imagem que têm da Escola (no geral), o que pensam da Escola?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivências</li> <li>- Sentimentos em relação à Escola</li> </ul> <p style="padding-left: 40px;">Que imagem têm da Educação Física?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivências</li> <li>- Sentimentos</li> </ul> <p style="padding-left: 40px;">[fora do CEO e dentro do CEO]</p> <p>E em relação ao CEO??</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilidade futura &gt; que influência na forma de estar/pensar</li> <li>- Importância na escola (para que serve)</li> </ul>
Opinião sobre as Aulas de EF	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar o que os alunos mais gostam e menos gostam nas aulas, suas dinâmicas, formato da aula, etc. não em relação a matérias</li> <li>- Perceber o que os alunos gostariam de ver melhorado nas aulas</li> </ul>	<p>O que mais gostam nas aulas?</p> <p>O que menos gostam?</p> <p>O que gostariam que fosse alterado?</p>
Opinião sobre a professora de EF	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender o que os alunos pensam da forma como a professora aborda as aulas, forma de abordar os jovens e as matérias.</li> <li>- Identificar possíveis melhorias que os alunos consideram que a professora devia implementar para melhorar a sua prestação</li> </ul>	<p>O que mais gostam?</p> <p>O que menos gostam?</p> <p>O que gostariam que fosse alterado?</p>
Opinião sobre as matérias das aulas de EF	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar quais as matérias que os alunos mais gostam e menos gostam nas aulas e que gostariam que fossem abordadas.</li> </ul>	<p>O que mais gostam?</p> <p>O que menos gostam?</p> <p>O que gostariam que fosse alterado?</p>

## ANEXO 8 – Grelha de Observação de Aulas

DIMENSÕES	CATEGORIAS	INDICADORES	NIVEIS				
			1	2	3	4	5
INSTRUÇÃO	<b>PARTE INICIAL</b>						
	Informação inicial	Começa a aula no horário previsto					
		Verifica as presenças de forma económica					
		Posiciona-se a si e aos alunos adequadamente					
		Utiliza uma linguagem clara, adequada e sucinta					
		Apresenta todas os objetivos e conteúdos informacionais					
		Relaciona as tarefas com a aula anterior e contextualiza-as na UD					
		Explica e clarifica as tarefas sem consumir tempo de aula (questiona, demonstra, etc.)					
		Utiliza meios gráficos (quando relevante)					
	<b>PARTE FUNDAMENTAL</b>						
	Condução da Aula	Revela capacidade de organização da atividade (posicionamento, circulação, controlo, risco)					
		Explica clara e oportunamente a matéria, captando a atenção					
		Certifica-se da apropriação da informação prestada aos alunos					
		Utiliza o melhor modelo para apoiar, corrigir ou demonstrar					
		Revela eficácia e economia de tempo na utilização de auxiliares					
		Dá FB de forma frequente e uniformemente distribuídos					
		Dá FB de forma pertinente (momento e qualidade)					
		Fecha ciclos de feedbacks					
	<b>PARTE FINAL</b>						
	Conclusão da aula	Resume os conteúdos da aula, com enfoque nos seus objetivos					
		Controla a aquisição de conhecimentos					
		Estabelece uma extensão dos conteúdos, motivando para a aula seguinte					
		Reforça comportamentos dos alunos (aprendizagem e disciplinares)					

GESTÃO		Revela capacidade e cuidado na organização da aula e nas transições entre tarefas (dinâmica do espaço, material e alunos)					
		Estrutura a aula de forma coordenada, contínua e sem quebras					
		Completa a informação sublinhando regras e/ou cuidados a ter					
		Realiza a aula de acordo com o plano					
		Circula pela periferia mantendo o controlo visual do grupo					
		Define ou mantém rotinas específicas					
		Potencia o tempo de aprendizagem					
		Promove situações de segurança					
		Envolve os alunos em rotinas organizativas					
		Define, quando necessário, sinais de: atenção, reunião, transição (sonoros, não sonoros ou mistos)					
CLIMA		Mantém o ritmo e entusiasmo pela aula					
		Intervém sistematicamente na promoção do sucesso dos alunos					
		Promove a cooperação entre os alunos					
		Estabelece uma relação pedagógica positiva com os alunos					
		Motiva os alunos para e na tarefa					
		Utiliza a comunicação não verbal de forma adequada					
DISCIPLINA		Revela capacidade de controlo dos alunos					
		Promove e valoriza comportamentos responsáveis					
		Distingue comportamentos fora da tarefa a ignorar					
		Deteta comportamentos inapropriados e intervém adequadamente					
		Prevê situações, minimizando comportamentos desviantes					
		É coerente com as regras definidas					
RE-AJUSTAMENTO		Revela capacidade de adaptação a situações não previstas, ajustando as condições de ensino					
		Reajusta o material de forma pertinente					
		Toma decisões de ensino pedagógicas e didaticamente corretas de acordo com os objetivos da aula ou da UD					

**ANEXO 9 – Certificado de Participação na Ação de Formação  
“Programa FITescola”**

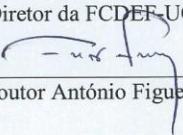


**CERTIFICADO**

Ação de formação - Programa FITescola

Para os devidos efeitos se declara que **Carolina Silva Santos** participou na **Ação de Formação – Programa FITescola**, organizada pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, que teve lugar no dia 15 de setembro de 2017. A formação teve a duração de cinco horas.

O Diretor da FCDEF-UC

  
\_\_\_\_\_  
(Prof. Doutor António Figueiredo)



**ANEXO 10 – Certificado de Participação nas “IV Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas”**

  
· U · C ·  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

**IV Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas**

**Componente de investigação do Relatório de Estágio**

**CERTIFICADO SOLIDÁRIO**

Certifica-se que Carolina Silva Santos participou nas IV Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas de encerramento do Estágio Pedagógico em Educação Física.

Coimbra, 16 de março de 2018  
A Coordenadora do MEEFEBS  
  
(Prof.ª Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

## ANEXO 11 – Certificado de Participação na “VII Oficina de Ideias em Educação Física ”

U  C

 Avelar Brotero  
ESCOLA SECUNDÁRIA - COIMBRA

# CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

### *VII Oficina de Ideias em Educação Física*

Certifica-se que CAROLINA SILVA SANTOS esteve presente neste evento, realizado pelo Núcleo de Estágio Pedagógico em Educação Física da Escola Secundária Avelar Brotero, no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob o tema “*A reflexão na ação docente: uma escada para o sucesso*”.

O Diretor da FCDEF-UC  
  
(Prof. Doutor António Figueiredo)

O Diretor da ESAB  
  
(Eng.º Manuel Esteves da Fonseca)

Coimbra, 11 de abril de 2018



## ANEXO 12 – Certificado de Apresentação na “VII Oficina de Ideias em Educação Física”

· U  C ·

 Avelar Brotero  
ESCOLA SECUNDÁRIA - COIMBRA

# CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO

## VII Oficina de Ideias em Educação Física

Certifica-se que CAROLINA SILVA SANTOS foi preletor neste evento, realizado pelo Núcleo de Estágio Pedagógico em Educação Física da Escola Secundária Avelar Brotero, no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob o tema “*A reflexão na ação docente: uma escada para o sucesso*”.

 O Diretor da FCDEF-UC  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
\_\_\_\_\_  
(Prof. Doutor António Figueiredo)

 O Diretor da ESAB  
\_\_\_\_\_  
(Eng.º Manuel Esteves da Fonseca)

Coimbra, 11 de abril de 2018



## ANEXO 13 – Certificado de Formação de Juízes de Linha de Badminton



**COIMBRA  
2018  
EUROPEAN  
UNIVERSITIES  
GAMES**  
**EUSA**

### CERTIFICADO

A Comissão Organizadora dos EUG 2018 certifica que **Carolina Silva Santos** realizou uma formação de Juízes de Linha de Badminton lecionada pela Federação Portuguesa de Badminton no dia 7 de Março de 2018 no Estádio Universitário de Coimbra enquadrada no programa dos Jogos Europeus Universitários Coimbra 2018.

APOIO



FCDEP  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

CÂMARA MUNICIPAL  
COIMBRA



Comissão de  
Estudos Europeus  
e Participação Local

EDUCAÇÃO  
PORTUGUESA



ANEXO 14 – Certificado de Participação no Encontro de Reflexão  
“Jovens Professores, Que Futuro?”

www.sprc.pt

**JOVENS PROFESSORES**

# que futuro?



**Certificado de Participação**

O Sindicato dos Professores da Região Centro certifica que

Carolina Silveira Santos

participou no Encontro de Reflexão “**Jovens Professores: que futuro?**”,  
realizado no dia 11 de maio de 2018

Covilhã, 11 de maio de 2018





SINDICATO DOS PROFESSORES DA REGIÃO CENTRO



membro da  
FENPROF

